



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS (FIEI)

ESTEFÂNIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA

**ANCIÃ PATAXÓ MARIA CORUJA E SUA
TRAJETÓRIA NA ALDEIA INDÍGENA PARÁ - BA**

Belo Horizonte/MG
Outubro 2022

ESTEFÂNIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA

**ANCIÃ PATAXÓ MARIA CORUJA E SUA
TRAJETÓRIA NA ALDEIA INDÍGENA PARÁ - BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas-Habilitação matemática pela Faculdade de Educação FAE/UFMG.

Orientadora: Kelly Maria de Campos Fornero Abreu de Lima Melillo

Belo Horizonte/MG
Outubro 2022

TERMO DE APROVAÇÃO

ESTEFÂNIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA

ANCIÃ PATAXÓ MARIA CORUJA E SUA TRAJETÓRIA NA
ALDEIA INDÍGENA PARÁ – BA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como Requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas-Habilitação em matemática pela Faculdade de Educação FAE/UFMG.

Orientador: Kelly Maria de Campos Fornero Abreu de Lima Melillo

Orientador/a:

Belo Horizonte.
Data: 21/10/2022.

DEDICATÓRIAS

FIGURA 1: FOTO DA MINHA AVÓ, A ANCIÃ MARIA CORUJA.



Fonte: Imagem cedida pela minha prima Iomany Alves Ferreira, direto do seu acervo pessoal.

Dedico esse trabalho:

Primeiramente, à minha avó: **Maria Coruja**. Foi um imenso prazer poder escrever sobre sua a sua vida e sua história. Considero inexplicável a oportunidade de ouvir sobre suas andanças e lutas, visando sempre o bem comunitário e melhoria para si e sua família.

À toda a minha família. Especialmente aos meus pais, pois sem o incentivo deles não chegaria até aqui.

Ao meu irmão, Aranã, por ter sido um exemplo para mim.

À minha pequena, minha filha Marie Werãhá, pois em muitos momentos por ela eu continuei a persistir.

E, por fim, dedico a mim mesma, pois não foi fácil imaginar chegar numa conclusão. Foram muitos desafios, aprendizados, superações, altos e baixos. Por vezes, o pensamento de desistir foi persistente, mas minha vontade de seguir e concluir esse ciclo em minha vida foi maior.

!awery siratã

AGRADECIMENTOS

Carinhosamente, agradeço:

A Deus, todos os dias, pela vida e por ter me dado essa oportunidade de cursar uma graduação.

A meus pais, Arnilton e Edileuza, pela educação que me deram e por sempre me incentivarem a seguir meus estudos.

Ao pai da minha filha, Geniosmar, pelo incentivo e pelo apoio. Por sempre estar ao meu lado, me ajudando nas horas difíceis.

À minha vó, Maria Coruja, e aos demais entrevistados, por possibilitar e contribuir com a elaboração deste trabalho.

Quero deixar meu sentimento de gratidão também a todos meus professores, por tudo que fizeram e pelos ensinamentos.

RESUMO

Este trabalho investiga a vida de Maria Coruja, uma anciã Pataxó, da aldeia Pará, extensão da aldeia mãe Barra velha (Porto Seguro – Bahia). Objetivou-se contar a história dessa grande mulher, a avó e anciã da aldeia onde nasceu a pesquisadora desse trabalho. Tendo em vista que buscar memórias tão distante e sofridas não é tão simples, fazer uma entrevista com um ancião é respeitar o tempo dele, ter paciência, saber que alguns pontos irão se repetir na sua fala, e, principalmente, trazer consigo a certeza de que a história que você tanto buscou é, na verdade, uma memória de alguns momentos felizes e outros momentos tristes e sofridos. Utilizar a metodologia de entrevistas, permite ao pesquisador ver estampado no rosto do entrevistado o sentimento que ele expressa ao se lembrar de algo que você evocou. LUTA e GARRA são palavras que definem a trajetória de Maria Coruja. Ela não se deixou abater diante das dificuldades e obstáculos. Nesse trabalho, a pesquisadora e neta, ouviu e registrou as histórias da grande guerreira Pataxó; e aproximou-se dos seus conhecimentos e das suas lutas. Como resultado dessa pesquisa, espera-se que os relatos de Maria Coruja sejam fontes de pesquisa e manutenção da história do povo Pataxó. Deste modo, este trabalho busca registrar uma história que não foi escrita na areia da praia, onde a onda do mar vem e apaga, mas foi esculpida em metal, que não se destrói; escrita como as pinturas rupestres que existem em cavernas e após milhares de anos não se apagaram e deseja-se que não se apague.

Palavras- chave: História de vida; Pataxó; Indígenas.

SUMÁRIO

1	Minha apresentação.....	8
2	Apresentação do meu tema.....	10
3	Apresentando o território Pataxó.....	11
4	Embasamento teórico.....	14
	4.1 Revisão da literatura.....	14
	4.2. Sobre Oralidade e Memória.....	16
	4.3. Narrativas e Histórias de vida.....	19
5	Metodologia.....	23
	5.1 Encontrando Maria Coruja.....	23
	5.2 Desafios de escrever um projeto de percurso em ano de Pandemia.....	24
	5.3 Desafios de pesaquisa com entrevistas presenciais.....	26
	5.4 Desafio do entrevistador(a).....	27
6	Trabalhando com memórias – Parte 1: revivendo coisas da infância.....	29
	6.1 Relembrando momentos do fogo de 1951.....	32
7	Trabalhando com memórias – Parte 2: revivendo memórias - da adolescência à fase adulta.....	40
8	Trabalhando com memórias – Parte 3: começando a construir um Pará pensando no futuro.....	44
	8.1. De cacimba e córregos à água encanada: a construção do poço artesiano	46
9	Trabalhando com memórias – Parte 4: vivências de Maria Coruja.....	50
	9.1. Como parteira.....	50
	9.2 Saberes da medicina tradicional.....	51
10	Trabalhando com memórias – Parte 5: movimentos indígenas.....	54
11	Alguma considerações.....	60
12	Referências Bibliográficas.....	61
13	Anexos	62

1.

MINHA APRESENTAÇÃO

Eu me chamo Estefânia da Conceição Ferreira, nasci numa pequena aldeia chamada Pará, localizada a cerca de 5 km da aldeia Mãe Barra Velha. Sou Pataxó, filha de Arnilton da Conceição Ferreira e Edileuza Santana da Conceição. Atualmente resido na aldeia Mãe Barra Velha, que se localiza no município de Porto Seguro, no Estado da Bahia.

Quando eu tinha apenas alguns dias de nascida, meus pais se mudaram para uma fazenda chamada Barra do Cahy, onde passei boa parte da minha infância. Perto dos meus 5 anos de idade, meus pais voltaram a morar na aldeia Pará, onde comecei a estudar. Algum tempo depois, me mudei novamente, e fui transferida para uma escola não indígena, chamada Escola Municipal Santa Rita de Cássia, que está localizada no município de Prado. Estudei lá por algum tempo. Passava, praticamente, o dia todo na escola. Recordo-me de ter feito alguns amigos e de ter uma professora legal. Também me lembro de algumas festas da escola e de brincadeiras que participei com meus amigos na hora do intervalo. O meu pai não tinha trabalho fixo, então trabalhava fazendo “bico” (trabalhos informais). A minha mãe, às vezes, saía para o Corumbau (um povoado que fica a cerca de 8 km da aldeia). Ela saía com minha tia, que morava bem pertinho da nossa casa. Juntas, elas pegavam uma bacia, uns cocos, tiravam a casca grossa, pegavam limão e iam pro Corumbau, “de pé”, para trocarem esses produtos por peixe. Muitas vezes, quando isso acontecia, eu fiava na casa da minha avó Coruja, até o horário do meu irmão chegar da escola, pois ele já estudava em Barra Velha. Quando voltei a morar na aldeia Pará, comecei a estudar na escola indígena novamente. Minha professora era minha tia. Ela era bem rígida e cobrava bastante dos alunos. Tinha também o professor de patxôhã¹. Eu gostava muito das aulas dele, pois praticávamos bastante a criação e leitura de frases. Na hora do intervalo, juntava todos os alunos para brincar, era bem divertido. A gente brincava de bandeirinha, cola-cola, esconde-esconde, pega-pega e outras brincadeiras. Porém, na escola da minha aldeia tinha apenas até a quarta série do Ensino Fundamental I e, em 2010, passei a estudar na escola da sede de Barra Velha. Lembro-me que, no primeiro dia de aula, minha mãe foi me levar até a sala onde eu iria estudar. Posteriormente, em 2011, passei para o “Colégio Grande”, como chamamos a escola que

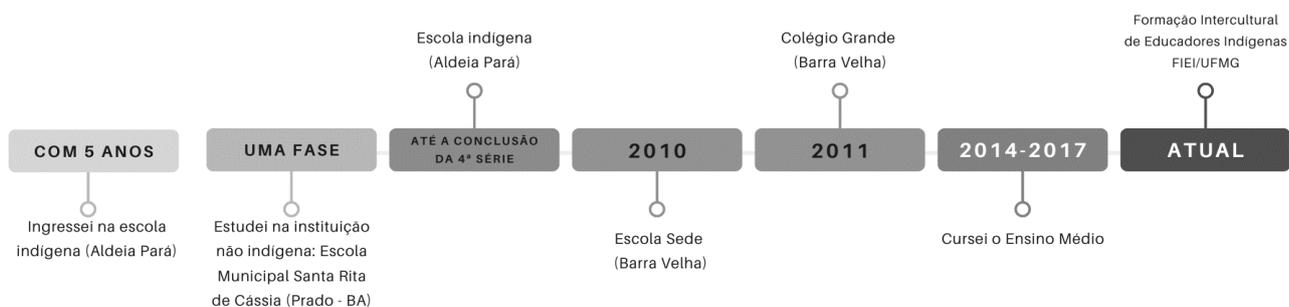
¹ O patxohã é a língua materna do povo Pataxó, vem do tronco linguístico macro-jê. Por conta do período de colonização, nossa língua ficou adormecida, começamos a reviver nossa língua através de um grupo chamado ATXÔHÃ e hoje é ensinada dentro da escola para as crianças das aldeias, com o objetivo de manter os costumes. PAT são as iniciais da palavra Pataxó, ATXÔHÃ língua, xohã e guerreiro e juntando essas palavras fica PATXÔHÃ, ou seja, linguagem de guerreiro Pataxó.

se localiza no centro de Barra Velha. Foi meio complicado no início, pois tinha vários professores. Minha mãe sempre cobrava bastante de mim e do meu irmão para tirarmos notas boas e realizarmos as atividades da escola. No ano de 2014, passei para o Ensino Médio e, em 2017, concluí esse curso. Meus pais sempre me incentivaram a continuar meus estudos e, por isso, assim que me formei, eu fiz a prova da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, para a Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FIEI. Graças a Deus, eu passei!

A linha do tempo a seguir, ajuda a compreender melhor minha trajetória escolar.

MEU HISTÓRICO ESCOLAR

Uma linha do tempo da minha trajetória estudantil



2.

APRESENTAÇÃO DO MEU TEMA

Primeiramente, eu não fazia ideia que eu teria que escrever um texto, nem sabia sobre o tema do meu percurso. Mas logo no início do curso, uma professora da Universidade falou sobre esse trabalho de conclusão, e que teríamos que pensar num tema de pesquisa. Confesso que demorou para eu chegar a escolha. Foi então que resolvi escrever sobre a história de Maria Coruja. Depois de decidir, procurei saber a opinião da minha família, o que eles achavam, e tive a aprovação deles, pois, além de ser uma anciã da aldeia onde nasci, ela também é minha avó. Vejo meu trabalho como uma forma de homenagear toda sua luta e trajetória, buscando deixar registrado a representatividade que ela tem para a minha família e também para mim.

Espero que, no futuro, tanto as pessoas da minha própria família, quanto as pessoas do povo Pataxó, tenham conhecimento da história de vida dela, das coisas que ela fez, daquilo que ela construiu e conquistou juntamente com seu marido e seus filhos.

Tenho como objetivo contar a história de Maria Coruja, desde a infância até os dias atuais. Descrever sua lutas, conquistas e dificuldades. Buscar registros da participação dela nos movimentos indígenas. Além de tentar mostrar o papel, a importância e a força da liderança mulher dentro da aldeia Pará².

Maria Coruja é uma anciã de 85 anos de idade, da aldeia Pará, bastante conhecida por saber rezas, orações e também por ser conhecedora das medicinas tradicionais. Inclusive, ela já foi parteira (hoje ela não é mais). Além de ter participado de movimentos indígenas e ter andado bastante, por outros municípios e aldeias, para conseguir trazer as coisas para sua aldeia.

² Maria Coruja, minha avó, viveu e reside na aldeia Pará, que se situa, aproximadamente, a 5 km de distância da aldeia Barra Velha, também conhecida como Aldeia mãe. Eu nasci na aldeia Pará e moro na aldeia Barra Velha. Existem outras aldeias Pataxós próximas à Barra Velha.

3. APRESENTANDO O TERRITÓRIO PATAXÓ

O território pataxó, atualmente, se estende de Belmonte a Prado, no extremo sul da Bahia, na chamada costa do descobrimento. Temos também dois territórios em Minas Gerais, no município de Carmésia e Itapeçerica; e outros no Rio de Janeiro (em Paraty, por exemplo). Nós, Pataxós, éramos chamados de nômades, pois ocupávamos desde a região de Belmonte à região norte do Espírito Santo, no Rio Contas. Conforme descreve Maximiliano:

[...] nós, os Pataxó, naquela época éramos povo nômade, ou seja, que não habitava um lugar fixo, e estávamos dividido em vários outros grupos que habitavam as regiões litorâneas do Espírito Santo banhadas também pelo Rio Doce e Rio São Mateus denominado de Cricaré, e os rios do extremo sul da Bahia da região de Mucuri a Belmonte, nesta imensa área encontra-se os rios Mucuri, Jucuruçu, Pardo e Contas; as margens desses rios que era o habitat do meu povo e de outros do grande tronco linguístico Macro-Jê que por ali viviam (SANTOS, 2017, p.13).

Em seu trabalho de conclusão de curso, Leandro Santos fala sobre o povo Pataxó e as regiões no qual habitavam no período da colonização:

Segundo Maria do Rosário [antropóloga que fez os primeiros estudos sobre o povo Pataxó] existia diversos “bandos” Pataxó divididos em Meridionais e Setentrionais: “Os bandos, por sua vez, viveriam em quatro limites espaciais básicos, ou seja, entre o Rio de Contas e o Pardo (Pataxós setentrionais), e o Rio de Santa Cruz Cabralia e S. Mateus (Pataxós meridionais)” (CARVALHO G., 1977, p.107 apud SANTOS, 2017, p.15).

No ano 1861, aconteceu o primeiro aldeamento do povo Pataxó na região de Porto Seguro, que era chamado de Bom Jardim. Nossos velhos contam que esse era o primeiro nome da aldeia, que hoje se chama Barra Velha. Santos (2017, p. 18) acrescenta: “Inicialmente os Padres Capuchinos nomearam a aldeia de Bom Jardim por causa da grande quantidade de jasmims que tinha entorno dela. Mas posteriormente esta aldeia recebeu o nome de Barra Velha”.

Éramos também conhecidos como um povo com bastante habilidade para atirar arco e flecha e por ter uma relação bastante próxima com os Maxakalis³. Pataxós e Maxacalis

³ Os Maxakalis, atualmente, residem no estado de Minas Gerais. Até os dias atuais, possuem sua língua materna como primeira língua e o português como segunda. Sua amizade com os Pataxós vem desde os nossos antepassados, como contou Kanatyo, para o professor Leandro: “Pataxó e Maxakali são dois povos irmãos, que eles são do mesmo tronco e da mesma árvore, então esse território que era tradicional, o povo

pertencem ao mesmo tronco linguístico, possuem em seu vocabulário palavras com significados iguais e pronúncias semelhantes. Por serem povos bastante habilidosos, os Pataxós se envolviam em disputas territoriais com outros povos, entre eles os Botucudos⁴, com o qual não tinham tanta afinidade.

O povo Pataxó tinha sua base de sobrevivência na pesca, caça, agricultura e confecção de artesanato. Outra base de sustento também bastante comum era a troca entre parentes, como disse Maria Coruja em uma das suas entrevistas, esse tipo de atividade acontece desde muito antes da minha avó, como diz o Leandro.

aí Mané Santana tinha uma égua, ele dava essas égua, nois pegava essas égua ia no oi d'água minha fia... buscá banana, trazia essas banana botava ai im casa im São João de mina, madrucia nois botava na égua ia vendê no curumbau, trocá cum peixe, pra pudê criá meus irmão mais mamãe pra dá cumida meus irmão ... era... eu sufri tomem...” (Maria Coruja, 27/07/2021)⁵.

Segundo conta os anciãos Pataxó, nossos antepassados viviam seis meses cultivando a terra e três meses viajando percorrendo o território fazendo trocas de diversos produtos como alimentos e artefatos, e também para fazer intercâmbios culturais com outros povos, dentre os quais os Maxakali e outros que viviam no litoral, eles ajudavam nas guerras contra os Botucudos, que também habitavam essas regiões, sempre ocorriam disputas por território, pelos melhores lugares de caça e pelas mulheres. Segundo contam alguns anciãos Pataxó, os Botucudos invadiam as aldeias Pataxó e levavam diversas mulheres, e da mesma maneira os Pataxó atacavam as aldeias dos Botucudos e raptavam muitas mulheres (SANTOS, 2017, p. 15).

E, então, no ano de 1951, aconteceu o chamado fogo de 51. Sabemos que isso ocorreu devido a vinda de dois homens brancos para a aldeia. Eles se passaram por engenheiros e vieram para a aldeia com a promessa de realizar a delimitação das terras, para então conseguirmos a tão sonhada demarcação do território. Esses homens fizeram uma revolta dentro da aldeia. Eles manipularam os indígenas a saquearem um dono de um pequeno

Maxakali e Pataxó vivia nesse mesmo território, e eles sempre viviam sua vida, coletando, caçando, fazendo troca, dentro desse grande território que começava nas matas do litoral da Bahia e vinha para o Espírito Santo e subia para Minas Gerais, então esse contato do litoral, das matas do litoral ao centro de Minas”. (Trecho de uma conversa com Kanatyo Pataxó em 2014) (SANTOS, 2017, p.14).

⁴ Atualmente não existem mais tantos grupos de Botucudos quanto naquele período, restaram apenas seus descendentes que conhecemos como Krenak ou Borúm (SANTOS, 2017, p.15). Os krenak residem em Minas Gerais.

⁵ Os trechos em itálico, são recortes das transcrições das entrevistas realizadas nessa pesquisa.

comércio que existia em Corumbau, chamado Teodomiro. Após esse acontecimento, convenceram os indígenas a cortarem a linha telegráfica e, com isso, os policiais de Caravelas e Ilhéus foram acionados. Quando os policiais chegaram à aldeia, começaram a os tiros. Segundo relatos de anciões do meu povo, os policiais acharam que os indígenas estavam armados, quando na verdade, estavam fugindo daquele tiroteio. Nesse massacre muitos indígenas foram mortos e mulheres violentadas. Existe também relatos de que montavam nos homens indígenas como se fossem animais. Muitos de nossos parentes fugiram e nunca mais voltaram para a aldeia, devido a esse acontecimento. É o caso de alguns tios meus, parentes da minha avó Maria Coruja. Alguns formaram outras aldeias, dentro do que é hoje a Terra Indígena de Barra Velha. Essa luta pelo território durou muitos anos e, após o fogo de 51, veio a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP). Então, mais uma vez, o meu povo foi colocado à resistência para permanecer no território que já ocupava, na aldeia Barra Velha e não no parque, como os guardas florestais queriam. Durante esse período, os guardas do IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal) os guardas florestais da época, derrubavam cercas das roças dos indígenas que voltaram para Barra Velha, com o intuito de que animais, como jegues e cavalos, entrassem e acabassem com a plantação.

Atualmente, o território de Barra Velha possui 8.627 hectares de terra demarcado, com o pedido de ampliação do território engavetado pelo governo. Barra Velha hoje é bem diferente do tempo da minha avó. Recentemente, sua economia é voltada para turismo e venda de artesanato, por estar entre dois lugares bastante procurados pelos turistas Caraíva e Corumbau. Além disso, muitos trabalham na escola indígena por meio de contrato e outros são concursados, gerando assim empregos em vários setores da escola. Temos também comércios dentro da aldeia, pequenos mercados. E não podemos esquecer da agricultura e da pesca, apesar de serem praticadas por poucas famílias.

4. EMBASAMENTO TEÓRICO

Para nortear a escrita do trabalho, realizei buscas por trabalhos produzidos por indígenas e sobre indígenas, cujas temáticas se aproximavam dos interesses dessa pesquisa. Em seguida, escrevi sobre oralidade, memória, narrativas e história de vida. Essas leituras nortearam nossas entrevistas e a compreensão dessas.

4.1. Revisão da Literatura

Para fazer essa revisão, levei em consideração trabalhos de parentes e assuntos que para mim pareceram relevantes. Dentro deles destaquei temas, objetivos e tipos de metodologia. Uma coisa em comum entre eles é todos procuram registrar tais coisas para que mais tarde, as gerações futuras conhecessem tais histórias por meio dos seus trabalho.

Contar a história de um ancião Pataxó é uma forma de deixar viva as sua memórias e vivências, pois quando perdemos um ancião um livro vivo se fecha, e os aprendizados que temos que aprender é quando esse livro ainda está de pé. Existe muitos aspectos que enquanto pesquisadores podemos ir a fundo, seja história de vida, as memórias sobre a luta para a demarcação do território, os causos que nossos velhos sabem contar, isso tudo é importante registrar, pois sabemos que chegará um dia que só poderemos saber disso tudo através desses trabalhos.

TRABALHO 1: JOSÉ SALES: BIOGRAFIA DE UMA LIDERANÇA PATAXÓ

Autor: Iran Vieira dos Santos

Objetivos: Escutar a voz de uma liderança indígena. Escrever suas histórias e lutas e conquistas.

Justificativa: Este trabalho busca incentivar e ensinar jovens a manter e guardar a memória do nosso mestre em questão.

Metodologia: Entrevistas, caderno de campo, fotografias.

Lembro-me do ultimo intermodulo antes da pandemia em novembro de 2019 em Barra Velha, a turma da LAL(Línguas Artes e Literatura) a qual o Iran fez parte, estava se preparando para suas defesas de trabalho de conclusão de curso, onde os pataxós da turma fizeram uma breve apresentação de seus temas, foi quando vi que o trabalho dele se tratava de uma biografia, então pedi algumas informações sobre como proceder ao fazer

uma biografia, ele responder “ter calma e paciência”. O trabalho além de contar a história de uma liderança, nos mostra também o valor de registrar essas histórias, pois sabemos que infelizmente esses livros vivos não ficarão conosco para sempre, ter biografias de anciãos e lideranças Pataxó para que as futuras gerações conheçam é muito gratificante. Além desse trabalho do Iran, temos também trabalhos de outros parente que passaram no FIEI(Formação Intercultural para Educadores Indígenas), que são de grande importância como os professores Alex pinheiro e Clécia Nascimento que também é sobre biografias de anciãos Pataxó, trabalhos que vinheram antes de ter o espaço virtual na biblioteca da Faculdade de Educação.

TRABALHO 2: LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES INDÍGENAS NO TERRITÓRIO PATAXÓ HÃ HÃ HÃE

Autora: Daniella Gomes de Freitas

Objetivo: Mostrar o papel da mulher dentro da comunidade que na maioria das vezes é esquecido, tentar quebrar os paradigmas que existe e tornar visível, comprovar que cada pessoa tem seu papel importante.

Justificativa: As mulheres possuem um papel fundamental na organização da luta pelo nosso território, e por vezes, tem sua imagem correlacionado aos seus companheiros, costume esse que quase sempre invisibiliza o papel protagonista que muitas mulheres desempenham .

Metodologia: A pesquisa foi realizada através de conversas pessoais e entrevistas. Para o registro, fora usados recursos de áudio para a gravação das falas e diálogos. Escolheu-se, para a pesquisa, mulheres do território Pataxó hã hã hãe, da aldeia indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, que atuam em área de conhecimento diversificado.

Escolhi o trabalho da Daniella por abordar o papel e importância da mulher indígena e dar visibilidade a elas. Elas que também vão à luta junto com os homens, que são resistência e que correm atrás das coisas para dentro da aldeia. Lembro que ao assistir a defesa da Daniella, ela falou que muitas vezes a mulher é lembrada juntamente pelo seu companheiro, como por exemplo, uma mulher se chama Maria e casa com um homem chamado José, as pessoas se referem a ela como “Maria de José”, isso acontece bastante. Essas mulheres de luta, que Daniella mencionou, se identificam com Maria Coruja e sua história de vida, principalmente em uma entrevista que ela fala sobre poço artesiano e diz: “- você não vai, mais eu vou zeca”. Ela se refere ao marido, que várias vezes tinham ido a Porto Seguro e não tinham tido uma resposta. A partir daí, ela vai sozinha à base da Funasa, em Porto Seguro.

TRABALHO 3: HISTÓRIA DO PONTO DE VISTA PATAXÓ: TERRITÓRIO E VIOLAÇÕES DE DIREITOS INDÍGENAS NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Autor: Leandro Braz dos Santos

Objetivo: Busco dar visibilidade e valorização às memórias dos anciãos e anciãs Pataxó que presenciaram e viveram esses dois fatos, e ainda a luta pelo reconhecimento da terra indígena Pataxó do monte pascoal.

Metodologia: Esse trabalho foi desenvolvido através de entrevista, com as pessoas que viveram no período de implantação do Parque (1943-1961), relatos gravados no seminário “olhar pataxó sobre o fogo de 51” promovido pela Escola Indígena Pataxó Barra Velha no ano de 2016, que teve como objetivo contar a história do massacre através das pessoas que viveram esse episódio.

Outro trabalho bastante interessante, que contribuiu na apresentação do território do meu povo, foi o do Leandro. Ele apresenta relatos de cartas, desde o tempo da colonização e vem trazendo aparições e registros sobre o povo Pataxó, relativos à criação do Parque, e também em relação às lutas dos nossos velhos pelo território, as andanças que eles fizeram até Brasília e Rio de Janeiro. É um trabalho muito rico.

4.2. Sobre Oralidade e Memória

Podemos observar, a partir de estudos realizados por muitos historiadores, que durante o período de colonização a escrita sempre esteve presente como uma forma de registro, enquanto a forma de registro da história oral era pouco usada. Porém, após o ano de 1945, a oralidade passa a ter uma maior visualização, quando começaram a desenvolver materiais que permitissem seu registro com uma maior praticidade, como gravadores, por exemplo.

A oralidade está associada à memória e nos permite ter uma percepção adicional de determinadas acontecimentos, além de outros registros e fontes (escrita, impressa, fotográfica). Por meio de gravações originais podemos captar melhor sentimentos de momentos vividos pelo entrevistado.

É importante ressaltar que, ao falarmos de memória,

não falamos de um “espelho do passado”, mas de um fato do presente, porque o conteúdo da memória pode ser o passado, mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado é uma atividade do presente, e a relação que se coloca é uma relação entre presente e passado. É agora que recordamos, é hoje que falamos do passado, que contamos o passado. E a memória não é só um espelho de fatos, mas

um fato histórico: a própria memória é um fato histórico em si. Não há apenas uma memória da História, há também uma história da memória: como muda, no curso do tempo, a maneira de recordar fatos históricos (PORTELLI, 2010, p.10).

Acessar a memória de um ancião é uma coisa delicada a se fazer, é necessário ter cautela. Cada ancião do meu povo tem sua própria vivência do massacre de 51 e é importante falar isso, pois cada qual conta a sua maneira, eu já li outros relatos contados e entrevistei minha vó sobre o assunto, uma coisa que pude sentir de comum entre eles foi o sofrimento transmitido em cada palavra, o olhar indo longe revivendo em sua mente esse fato vivido tão assustador, cada história deixa sua cicatriz, e a cada vez que se toca nessa cicatriz é como se a dor de ter presenciado aquilo tudo voltasse a tona. Mas, apesar disso tudo temos também que pensar na importância de ter tais coisas registradas.

O relato oral, obtido por meio de entrevistas, constitui-se como núcleo da investigação, ou seja, o trabalho investigativo leva em conta as trajetórias individuais, eventos ou processos que não poderiam ser compreendidos de outra maneira. Ele permite o resgate do indivíduo como sujeito no processo histórico e constitui-se como documento gerado no momento da entrevista, legítimo tanto pelo seu valor informativo quanto pelo seu valor simbólico (GAERTNER; BARALDI, 2008, p.52).

Quando eu tinha mais ou menos uns 11 anos de idade, estudava no sexto ano do ensino fundamental. Lembro que teve um seminário onde muitos de nossos anciãos ainda estavam conosco. Ouvir seus relatos de vida e suas histórias não tem preço. Oportunidade essa que gerações futuras não irão ter, por isso mais uma vez ressalto a importância de todos os trabalhos realizados por meus parentes até aqui.

Em vários momentos; Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais: "Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum" (POLLAK, 1989, p. 3).

Memórias essas que denunciam atrocidades sofridas por um povo e que marcou gerações, pois nossos anciãos não tinham a escrita, mas tinham e tem o conhecimento da fala e é através desse conhecimento que hoje podemos mostrar ao mundo o que sofreram nossos

velhos . Vozes essas que hoje são usadas para cobrança de direitos violados e mantidos por uma só voz que grita e faz cobranças necessárias a realidade de cada povo indígena no Brasil .

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. Ele consiste muito mais na irrupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e desfrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente (POLLAK, 1989, p. 4).

Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades (POLLAK, 1998, p. 5).

Uma vez dita e repetida assim como estão nos livros de história ensinados nas escolas não indígenas, livros esses que chegam também até em nossas escolas indígenas, escreveram que o Brasil foi descoberto, quando na verdade foi invadido . Quando falam que "índio" de verdade não se usa celular, não tem carro, que esse tal índio ao qual se referem moram em florestas, comem cru e não usam roupas, desconstruir essas visões preconceituosa é necessário para avarçarmos e quebrarmos todos pensamentos que existem sobre nós.

Este exemplo mostra também sobrevivência, durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas (POLLAK, 1989, p. 5).

São muitos os que foram embora e não voltaram, muitos que nunca contaram a seus familiares as barbaridades que aconteceu com eles mesmos e que afirmavam que morriam, mas não botava mais os pés em Barra Velha. Mas, os que aqui ficaram contam seus relatos com muita tristeza e o mais revoltante, coisas que aconteceram com nosso próprio sangue.

A organização das lembranças se articula igualmente com a vontade de denunciar aqueles aos quais se atribui a maior responsabilidade pelas afrontas sofridas... [...] (HERBERICH-MARX; RAPHAEL, 1985, p. 94, apud POLLAK, 1989, p. 7).

Finalizo então com esse trecho:

A linguagem é apenas a vigia da angústia. [...] Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. E aí que intervém, com todo o poder, o

discurso interior, compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior (POLLAK, 1989, p. 8).

4.3. Narrativas e Histórias de vida

Logo quando decidi o meu tema, eu visitei a minha avó, que estava doente, e falei com ela sobre meu trabalho, que seria sobre a história de vida dela .

Ao trabalhar com a História de Vida, o pesquisador interessa-se pelo que o depoente, previamente selecionado, conta de sua vida como uma totalidade: o depoente narra-se. Infância, adolescência, juventude, velhice, hábitos, vida profissional e pessoal compõem uma trama na qual se desfiam percepções e reconstruções do espaço e do tempo vividos (GARNICA, 2003, p.18).

Uns tempos depois meus pais tornaram a falar sobre a minha pesquisa e ela disse que só contaria para mim, pelo fato de ser neta dela. Ela disse que se fosse outra pessoa ela não falaria, pois nem todos dão o devido valor ao conhecimento que é passado por meio do ouvir um ancião. Acrescentou também, que alguns que ouvem querem tirar vantagem disso, querem fazer nome em cima de histórias de outras pessoas, esquecendo muitas das vezes de quem os ajudaram a chegar a tal *status*. Sobre esse certo constrangimento, Alberti afirma

Por que procuramos uma pessoa e pedimos que nos conte sua experiência em determinado acontecimento ou situação? Já se observou que o que se pede ao entrevistado é muito estranho: que conte sua vida a alguém que mal conhece e ainda por cima diante de um gravador. Pessoas não costumam fazer isso sequer com filhos e netos (no máximo contam episódios; raramente “toda” a biografia) (ALBERTI, 2003, p.1).

Estar com os olhos e ouvidos atentos durante uma entrevista é fundamental, pois o narrar, vai além do que se conta, é necessário observarmos expressões, para entendermos o que determinada lembrança traz àquela pessoa entrevistada, então para narrar uma história, primeiro se tem que se sentar para ouvir e aprender.

Um de seus principais alicerces é a narrativa. Um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem,

selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido (ALBERTI, 2003, p. 1).

Para nós, povos indígenas, é mais do que conhecer o passado, é conhecermos um relato que faz parte de nós, de quem somos. É contar com autoridade fatos da história do povo que deve ser passada por gerações e gerações.

Antes de mais nada, convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. Assim, se dizemos que a narrativa, na história oral, acaba constituindo o passado, isso não significa que o passado não tenha existido antes dela (ALBERTI, 2003, p. 1).

O conhecimento só é passado a quem tem o interesse em aprender. Para mim, foi uma enorme satisfação ter imaginado a proposta da pesquisa, ter visto o meu trabalho ganhar vida, buscar partes da história que nem eu mesma sabia. A partir daqui, poderei dizer com afirmação: eu busquei, eu escrevi e eu contei. Conseguir registrar parte da história de uma pessoa como Maria Coruja não tem preço. É um privilégio!

Conhecimentos e idéias tornam-se realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói na própria narrativa; por isso se diz que ela constitui (no sentido de produzir) racionalidades. Vários autores têm destacado que a linguagem, em vez de representar uma realidade pré-existente, é ela mesma ato, produção de algo (ALBERTI, 2003, p. 2).

Eu já ouvi de alguns professores, durante esses quatro anos, sobre o modo de escrita e o modo falado, e que o português do branco é diferente do português indígena. E devo confessar que logo de início eu não tinha muito conhecimento sobre isso. No entanto, conforme eu produzindo meu trabalho, eu fui descobrindo na prática o português indígena do qual os professores falavam. E, particularmente, acho muito interessante isso. Eu busquei, em minha pesquisa, trazer esse português presente e vivo nas falas indígenas e transcritas nas minhas entrevistas.

Segundo Jolles, esses “gestos verbais”, são resultado do trabalho da linguagem em selecionar, no plano dos acontecimentos, aqueles que encerram o sentido que a atividade mental lhes quer imprimir. Elas mostram que a linguagem produz (como o agricultor), fabrica (como o artesão) e significa (no sentido de constituir significados), independentemente do escritor ou poeta (ALBERTI, 2003, p. 3).

De fato, podemos aprender bastante com a língua falada, mas, existem alguns conhecimentos que precisam de um complemento que vai além do oral, a fala acompanha a ação, pois a explicação na prática se faz uma nova visão. Sendo assim, quando somente

se ouve e se narra, é possível que eu tenha diferentes tipos de entedimento. “Não se trata, diz Jolles, de analisar a narrativa do ponto de vista da ciência ou da filosofia da história. O que lhe interessa é observá-la enquanto fato de língua” (ALBERTI, 2003, p. 4).

Quando o nosso entrevistado é um ancião, é normal que ele(a) repita o mesmo ponto várias vezes, mas é necessário calma e paciência pois ele (o entrevistado) vai chegar ao ponto que você espera, assim também quando fazemos um roteiro e as vezes nem é necessário fazer todas as perguntas, pois muitas vezes a pessoa entrevistada nos responde consecutivamente. “Novamente detalhes poderiam ter sido suprimidos da história, mas são frequentemente repetidos quando ela é narrada” (ALBERTI, 2003, p. 4).

Ao pensar em escrever uma história de vida de uma pessoa, é necessário traçarmos o nosso objetivo principal e dentro desse objetivo pontuarmos quais aspectos específicos iremos buscar. No meu caso, eu procurei dividir por etapas. Isso, de certa forma, facilitou bastante para eu saber onde encaixar cada parte da história de vida de Dona Maria Coruja. “Para usar história de vida, faz-se necessário pontuar os aspectos teóricos que estarão norteando a concepção do existir humano (HUMEREZ, 1998, p. 32).

Sempre sabemos quais dados inicialmente queremos buscar, ou seja, saber um pouco mais dessa pessoa. É uma coleta de dados (vamos dizer assim), e vamos dando sequência como se fosse uma linha do tempo: se inicia no nascimento até o ponto em que se deseja chegar.

A história singular da pessoa tem início em dois extremos do processo existencial, o nascimento, o que determina o eu concreto, um agora corporal que deslocará no tempo até a finitude, o outro exemplo (HUMEREZ,1998, p. 32).

A biografia da pessoa, depende da integração dessa cadeia de eus, desde o nascimento, assumindo os vários personagens que irão compor a história de vida da pessoa como: o bebê, a criança, o adolescente, o adulto, o velho, assim como, os papéis de personagens de filho, de estudante, de empregado, de pai, de mãe, de paciente, entre outros(HUMEREZ,1998, p. 33).

O lugar onde nascemos é, sem dúvida, o lugar onde a nossa história começa, onde nós crescemos e nos modificamos. Assim, como o tempo que vai passando, sonhamos com muitas coisas, a nossa vivência dentro da nossa aldeia nos dá uma formação para enfrentarmos parte do mundo branco. Sairmos e retornarmos da aldeia é fundamental para contribuirmos para a ocupação dos nossos espaços. “É no lugar onde nascemos, vivemos

e morremos, onde nos constituímos como unidade, como indivíduo a reproduzir, de modo particular as características básicas da formação cultural” (HUMEREZ, 1998, p. 33).

Sabemos que nem sempre esse contar sobre as memórias é uma coisa fácil. O trabalho com narrativa de histórias reais é tão magnífico quanto doloroso. Cada fase da vida, cada detalhe, nos revela um sentimento. Como ver através de relatos a respeito da construção de algo, que foi suado para conseguir. Perceber até onde chegou e o quanto foi gratificante.

O projeto vital é a capacidade do sujeito construir as recordações, um estado futuro do eu ir de presente em presente, de salto em salto, instalar-se nele.(HUMEREZ,1998, p. 33).

A história de vida, por tanto é a técnica que capta que sucedeu na encruzilhada entre o individual com o social, ou seja entre a subjetividade na objetividade e a objetividade na subjetividade (HUMEREZ, 1998, p. 35).

Buscar, conhecer, ouvir, aprender... são coisas que andam juntas quando se trata de história de vida de um ancião Pataxó. Muita coisa mudou desde os nossos velhos. Temos esses materiais, com escritas construídas da fala, é importante para nós e para as gerações futuras. Um exemplo disso é conhecermos modos de falar “diferentes”, que fazem parte da nossa tradição.

Usar história de vida para colher dados de pesquisa tem sido uma experiência importante, na medida em que consideramos que a narrativa é simultaneamente produção original e reprodução (HUMEREZ, 1998, p. 36).

Trabalhar com esse tipo de história é algo que exige bastante paciência, mas, a certeza de que é algo necessário a ser feito. Doar-se é necessário e o resultado é gratificante aos olhos de quem viveu o processo e a construção. “Podemos concluir que trabalhar com história de vida é uma experiência fascinante, no entanto, toma tempo de quem narra e de quem ouve” (HUMEREZ, 1998, p. 36).

5. METODOLOGIA

Inicialmente, elaborei um roteiro, para eu seguir durante as entrevistas. Também fiz uso de um caderno de campo que, particularmente, dei o nome de bloco de anotações. Nesse bloco, eu registrava coisas sobre o dia da entrevista, como quem estava no local, quanto tempo durou as entrevistas, pausas, gestos, enfim, anotava o que considerava relevante para usar na transcrição. Tenho um caderno de uso exclusivo para pesquisa. Mas afinal, para que ele serve? Nesse caderno, está a primeira versão do meu percurso, pois até aqui já mudaram algumas coisas, outras foram aprimoradas e assim vai.

5.1 Encontrando Maria Coruja

Na tarde de uma terça-feira, do dia 27 de julho de 2021, fui à casa de dona Maria Coruja, minha avó, juntamente com meu pai Arnilton, minha mãe Edileuza, meu irmão Erick, minha irmã Tarimá Txahá e minha filha Marie Werãhá.

Ao chegar na casa de dona Maria, meu pai falou com ela sobre a entrevista que queria fazer com ela. Logo em seguida, conversei com ela a respeito do trabalho e expliquei o objetivo da minha pesquisa. Nesse momento, o meu avô, José Matias, que também estava presente, se emocionou, juntamente com Maria Coruja. Pude notar a emoção no rosto dela. Ao sentir isso, decidi não começar a entrevista de imediato. Aguardei um pouco, deixei passar um tempo. Nesse período, ficamos a conversar com ela para só depois iniciar a entrevista.

Ao realizar uma entrevista, invadimos a privacidade do depoente que, muitas vezes, revela fatos, sentimentos e emoções que estavam adormecidos ou escondidos. É necessário que o pesquisador tenha paciência, respeitando o tempo que o entrevistado precisa para organizar as ideias ao revolver as memórias. Não atropelar o colaborador é essencial para o estabelecimento do diálogo e a obtenção das informações desejadas (GAERTNER; BARALDI, 2008, p. 52).

Durante a entrevista eu pude sentir a dificuldade da minha avó em iniciar seu depoimento, um vazio ao começar o seu relato, “um desespero de não saber para onde ir”. Notei que Maria Coruja lembrava-se de algumas coisas no decorrer da conversa, quando começava a falar sobre assuntos próximos a tal coisa. De acordo com Gaertner e Baraldi (2008, p. 53), as pessoas, ao narrarem e evocarem suas lembranças, não possuem uma visão cristalizada dos acontecimentos do passado. Para constituição de sua memória, o entrevistado(a) organiza os pensamentos. Nesse sentido, “selecionar ou esquecer,

divulgar ou silenciar são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória, fazendo com que esta costure os fatos” (p. 53).

Ao ouvir alguns depoimentos da minha avó, meu pai se revoltava. Em outros momentos, quando a mãe dele, Maria Coruja descrevia alguma memória, ele sentia tristeza em seu olhar. E, por vezes, ele também sorria, um riso de desespero diante de situações que passou.

A gravação teve duração de uma hora e onze minutos. Começou, mais ou menos, 15:30h e acabou próximo de 17:00h. Foi uma tarde bastante produtiva.

5.2. Desafios de escrever um projeto de percurso em ano de pandemia

O trabalhar com memórias é uma coisa bastante delicada, ainda mais quando pretende-se entrevistar um ancião, durante uma Pandemia do novocoronavírus, o Covid-19, que atingiu o Brasil a partir de 2020. Para o contato com pessoas idosas, como é o caso da minha avó Maria Coruja, é necessário redobrar os cuidados de higiene e prevenção da transmissão do vírus.

Por que eu falo isso? Ou seja, por que preciso ter cuidado com a minha avó, Pelo fato dessa pessoa ser uma anciã um livro vivo! Ao conversar com essa anciã, preciso ter muito cuidado e carinho, assim, tentarei demonstrar minha gratidão pelo tempo cedido por ela. É preciso realizar uma aproximação com calma, pois nem tudo será dito de uma vez. Necessitarei ter paciência e dedicação.

Ao pedir que alguém nos conte uma história, não ouviremos apenas a história, mas sentiremos junto com ela o vivido, o ocorrido, sentimentos de tristeza, felicidade, gratidão e até mesmo de revolta.

A entrevista, portanto, ocorre num misto de igualdade e diferenciação: o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências. Mas, ao mesmo tempo, é o estranhamento, o distanciamento, a diferenciação entre o pesquisador e o depoente – e, conseqüentemente, de suas vivências e memórias – que possibilitam a relação depoente-pesquisador-narrativa (GARNICA, 2003, p. 16).

O saber ouvir é um dos conhecimentos mais ricos que existe, nele tem formas de aprendizagem que não podem simplesmente serem passadas, precisam ser vividas. E essa

experiência se torna ainda mais desafiadora quando se trata de fazer uma biografia em tempos de pandemia.

Apesar de sabermos quais cuidados devemos tomar para evitar o contágio do vírus, sempre há medo. E, se tratando dos nossos velhos, o medo e cuidados são ainda maiores.

Os primeiros casos de Covid-19 aqui em Barra Velha apareceram, mais ou menos, em julho de 2020. Rapidamente o número de infectados se espalhou e tivemos um número bem alto de casos positivos. Os meus avós foram uns dos contaminados.

O meu avô ficou com cerca de 70% dos pulmões comprometidos, precisou ficar internado alguns dias. Mas, graças a Deus, ele venceu essa luta contra o Covid-19. Ele ficou com algumas sequelas, no entanto, meus tios e tias fizeram remédios com ervas medicinais, que ajudaram bastante na recuperação dele. A minha avó também foi infectada, porém teve sintomas mais leves. Apenas com remédios feitos com ervas medicinais foi possível combater e aliviar os sintomas.

Existem relatos na aldeia de pessoas que, mesmo vacinadas, contraíram o vírus novamente. Isso nos deixa ainda bastante inseguros, pois, ambos – meu avô e minha avó - fazem parte do grupo de risco.

Então, é aí que começa o desafio: como desenvolver uma biografia em meio a uma pandemia de um vírus que não dá descanso? Quais métodos usarmos?

Foi, então, que ao participar de um seminário, com minha turma do curso de licenciatura em Matemática, cuja proposta seria apresentarmos o desenvolvimento dos nossos trabalhos de percursos, recebi uma proposta interessante. Na minha fala, durante o seminário, eu coloquei as dificuldades encontradas por mim nesse período em relação ao vírus, conforme relatei anteriormente. Após a minha apresentação, o professor e coordenador do curso do FIEI, Paulo Maia, me fez uma sugestão: tentar acessar algumas memórias da minha avó por meio de outras pessoas, ou seja, ele sugeriu que eu faça entrevistas com pessoas que viram e/ou participaram de certas conquistas vivenciadas por Maria Coruja ou que acompanharam sua trajetória e algumas de suas lutas.

Considerando, portanto, o momento atual de surto do novocoronavírus, e também o fato de que “o tempo não espera por ninguém”, decidi consultar a minha própria família, apresentando meus objetivos de pesquisa e perguntando-os como poderiam me ajudar.

Foi, então, que comecei a coletar dados por meio de entrevistas feitas com meus parentes, pois, minha família acompanhou a trajetória da minha avó em muitas das lutas e conquistas.

Além dos desafios da pandemia, em setembro de 2020, eu engravidei. E sim, isso entra como uma dificuldade para o desenvolvimento do meu trabalho. Eu não pude tomar a vacina contra o Covid-19. Os cuidados e preocupações com minha saúde precisaram ser redobrados. Precisei evitar ao máximo o contato direto com outras pessoas, pois havia pessoas contaminadas em Barra Velha. Mas, graças a Deus, tive uma gestação tranquila até o início do oitavo mês. Após esse período, passei muito mal e precisei fazer uma cesariana de emergência. Minha recuperação no primeiro mês foi bastante complicada e, além disso, entrei de licença mais cedo do que imaginava. Isso adiou todos os planos que eu tinha feito, inclusive os andamentos de entrevistas do meu percurso.

Do final de novembro ao mês de dezembro, a região onde eu moro foi bastante afetada por fortes chuvas, por ser região interior quando chove bastante leva a queda de energia constante e falta de energia longa. Dificulta também acessos, as estradas ficam cheias de poças de água.

5.3 Desafios de pesquisa com entrevistas presenciais

Como disse anteriormente, a chegada do coronavírus nas aldeias foi algo que trouxe muita preocupação com a saúde e bem estar dos nossos velhos, com o intuito de resguardar isso entrevistas presenciais foram adiadas. Fora isso vieram também outras questões. A minha vó precisou ficar fora um tempo em outra aldeia para fazer exames o que levou ela a passar por uma cirurgia na visão, a maior parte dessa recuperação foi nessa aldeia chamada Mirapé se localiza próximo a cidade de Porto Seguro. E não tendo tanto espaço de tempo entre um acontecimento e outro veio a chegada da minha filha que me deixou um tempinho também parada, pois tive que me poupar. E então com uns dois meses de recuperação fui até a casa da minha avó para entrevista-la, nessa primeira entrevista não houve tanta complicação pois havia poucas pessoas no local e minha filha estava ainda bem novinha.

Apesar do covid- 19 ainda está por aí, nesse segundo momento foi até mais tranquilo nessa questão, até porque a maioria da minha família já foram vacinados o que dá uma certa segurança.

5.4 Desafio do entrevistador(a)

Para começar a falar sobre as minhas dificuldades, a primeira coisa que entra em questão é a minha bebe, não estou querendo dizer que ela dá trabalho e sim que a maioria das coisas que faço tenho que saber aproveitar e produzir enquanto ela dorme ou enquanto ela brinca, além disso, vem também os meus afazeres como dona de casa e as aulas de ensino remoto que irão começar novamente, devo confessar que estou um pouco apreensiva com isso.

Souza e Machado (2021), realizaram uma pesquisa com 35 mulheres, mães, pesquisadoras e professoras do ensino superior e tecnológico. As autoras investigaram como as relações de gênero interferiram nas relações de trabalho, lazer, e afeto de mulheres, professoras, acadêmicas e mães, no contexto da pandemia e distanciamento social. Ao analisarem as respostas das entrevistadas, em relação à maternidade, Souza e Machado (2021, p. 301) afirmaram:

Um desafio imposto às mulheres neste novo cenário é a nova e quase impossível gestão da relação tempo-espço, que gera sobrecarga de trabalho. Conforme relataram as entrevistadas com frequência, as maiores dificuldades estão nesta gestão, pois o trabalho remoto somado ao trabalho doméstico, cuidado com filhos/as e ajuda com ensino remoto dos filhos/as é dispendioso. Elas ainda afirmaram que isso tem gerado desgaste físico, emocional e psicológico e coisas ficam sempre por fazer como a pesquisa e a atenção para os filhos/as.

Um segundo fator dificultador do meu trabalho, se refere à escrita. As transcrições das entrevistas foram muito complicadas, porque busquei transcrever de acordo a fala. Por se tratar de uma pessoa mais velha, muitas vezes preciso ficar voltando a gravação para entender a palavra e assim transcrever. O tempo de entrevista também é outro fator importante, pois tive gravações muito extensas.

Para a escrita do meu trabalho, utilizo pequenas “agendas”, agendas essas que crio em minha mente. Por exemplo, vou sempre por etapas, quando escrevo e consigo de certa

forma finalizar o que tinha em mente ótimo! Se não, deixo para outro dia, e assim vai, escrevo mais a noite pois é quando minha filha dorme por período mais longo e assim vou conseguindo conciliar a maternidade com a faculdade e escrita do meu trabalho de conclusão.

Quando pego o meu trabalho durante o dia, às vezes digito apenas com uma mão, a outra fica ocupada distraindo e até mesmo segurando a minha filha que quer mexer no notebook. Devo confessar que não é fácil, as vezes bate até um certo desespero e a pergunta que vem em mente é “será que vou conseguir terminar e me formar?” ou até mesmo conseguir acompanhar as aulas e dar conta as atividades.

Mas devo confessar também é que muito gratificante ver o projeto de trabalho que eu imaginei aos poucos ganhando forma, é muito satisfatório.

Tive dificuldades também na segunda entrevista, minha filha já estava maior arrastando, eu ficava gravando e ela querendo sair de perto de mim para brincar na areia, mais por medo dela pegar algo e por na boca eu ficava pegando ela e colocando ela de volta perto de mim. Minha avó pegou um colar com miçangas um pouco grandes e deu para ela brincar, foi o que fez ela se entreter um pouco e quando não estava querendo sair para brincar ficava querendo pegar o celular, teve um momento que ela mesmo parou até a gravação.

Quando tive na casa da minha avó ela estava se recuperando de uma gripe, estava meio tossindo e com dores de cabeça, então fiz apenas perguntas superficiais sem perguntar muitos detalhes, além disso, a minha avó perdeu a audição e o aparelho auditivo deu problema há algum tempo e ainda não consertou, então para ela ouvir eu tinha que falar bem alto com ela e mesmo assim as vezes ela não entendia, e algumas vezes a minha mãe que estava do lado me ajudou bastante nessa parte e tinham também as minhas tias que estavam no local, foi um momento um pouco mais descontraído.

6. TRABALHANDO COM MEMÓRIAS – PARTE 1: REVIVENDO COISAS DA INFÂNCIA

Maria Bernada da Conceição, nasceu no dia 17 de julho de 1936, ela é popularmente conhecida como Maria Coruja. Os seus atuais 85 anos de idade é alterado, na verdade ela é mais nova, porem não se sabe ao certo quantos anos, sua idade foi alterada para conseguir a aposentadoria, por conta de um problema no seu joelho no qual impedia de realizar algumas tarefas no emprego.

Maria Coruja nasceu e cresceu na aldeia mãe Barra Velha, aldeia localizada no extremo sul da bahia município de Porto Seguro. Filha de Maria Benícia da conceição e Manoel Bernado, tendo no total oito irmãos, tendo apenas uma irmã que é filha dos mesmo pais os demais são meios irmãos. No trecho a seguir trago um relato no qual ela conta o motivo pelo qual os seus pais eram separados.

“Meu pai, quando ele tava mais mamãe ele só viu Terezinha e eu mamãe fala que ela ficô cum dois mês de gravidez deu, que ele foi pra cochoera do matu mais o vei Patriço, la o vei Patriço ranjô namorada, aí ele tomem aranjô ota, mamãe tá cá, aí quando ele vei, quando ele chegô aqui, ele falô cum mamãe que ia trabaiá lá, quando ele chegô lá o vei Patriço casô e ele casô tomem e largô mamãe...” (Maria Coruja, 27/07/2021).

Após esse ocorrido da separação dos pais dela, a mãe dela chamada Maria Benícia foi trabalhar para criar suas filhas, juntamente com ajuda do pai dela. Com o passar dos anos a minha avó Maria Coruja foi crescendo e passou a ajudar a sua mãe juntamente com sua irmã Tereza. Naquela época não havia trabalho de carteira assinada nem nada do tipo, então o meio de trabalho que tinha era a pesca de marisco, confecção de artesanato, agricultura familiar, pesca e a caça, eram os meios de sobrevivência, então Maria Coruja diz em que ela ajudava sua mãe.

“Desde pequena eu ajudava ela, mais ela trabaiava assim de marisco, catando marisco pá dá pa nois cumê, aí quando ela ia pro maingue lá tirá caranguejo e eu ficava cá no rio mais Terezinha pegando bugigão, tirando concha, ai quando ela saia do maingue, ela fazia o fogo lá na bêra du campo e nois ia cumê carangueho assado. Nois ia, nois duas e Terezinha era nois que cumpanhava ela, mais ela num tinha roça pra ttrabaiá, o que ela fazia era trança de aricuri, era trança fazia chapéu e vindia im caraíva, que trabai que

tinha em Barra vea, aí a depois que eu casei cum zeca, que juntou mais minha prima Estefânia a mãe dele e daí ela ia trabaiá lá pra riba pras fazenda...”(Maria Coruja, 27/07/2021).

Com o passar do tempo, Maria Benícia esperou pelo pai de suas duas filhas e ele não apareceu, então ela casou novamente com um homem chamado Ambrózio com o qual teve quatro filhos, após algum tempo o pai de minha avó voltou para Barra velha para ver sua filha Tereza, pois o mesmo dizia que Maria não era filha dele, segue seu relato:

Aí quando eu tava bem gradona já, foi que ele pariceu aqui em Barra Veia aí ele falô assim:

- É... eu vim cá tomem, vê Terezinha eu sei que é minha filha, agora essa ota ru num sei... manda buca ela lá ...

Eu tava cá no pistola, aí eu vim, quando cheguei cá eu num cunhecia quem era, vi uns três ou quatro lá sentadu, aí nem sei quem foi que falô:

- É essa daqui ó, a sua filha é essa daqui.

Aí ele oiô assim...

- É minha mesmo, você é minha filha mesmo?

-Aí eu digo: Ó eu num sei, eu num sei nem se eu tenho um pai... falei.

Ja tava grande né, eu podia falá, por que meu pai dexô minha mãe de gravidez deu, ele dexô cum dois mês que minha mãe falô pra mim... Aí ele:

- É mermo. Você é minha fia .

Aí que fui abraçá e dei a bença a ele, daí que gui conhicê meu pai. (Maria Coruja, 27/07/2021).

Após a morte de seu padrasto, Maria Coruja ajudou a criar seus irmãos. Trabalhava para ajudar a mãe a por alimento dentro de casa, nessa época eles moravam numa aldeia chamada campo do Boi, as coisas eram bastante difíceis, onde a única opção era ir para a mata fazer extração de recursos naturais, pois como já dito pela mesma não havia opção de trabalho em Barra Velha, ela contava com ajuda de outras pessoas, pois nem sempre era dono do seu próprio dos animais, então naquela época esse tipo de união era bem mais forte. Além disso, a troca era muito feita antigamente, uma coisa bastante praticada por todos dentro da aldeia, seguimos então com o relato de Dona Maria.

“Eu não tinha casado ainda, era minina ainda, eu ia pra mata mais a finada zeza, eu ia pro mato titá Tucum, tirá piaçaba... tudo nois tirava... quando chegava a piaçaba nois tirava o finado Luciano fechava e botava imrriba da jega e ia vendê im caraíva pra noisi, quando num era assim ele levava eu e zeza pra lá pra nois comprá as coisa que quissesse cum nosso dinheiro, idáí saímo de lá do campo do Boi vinhemo pro campo São João de mina, aí eu ia pra capoeira mais minha prima Estefânia, tirá piaçaba, tirá Tucum tudo eu fazia mais minha prima [...]” (Maria Coruja, 27/07/2021).

Como podemos ver a força da mulher indígena começa desde pequena. Como diz nossos velhos na “labuta do dia a dia”. Esse pequeno relato nos mostra a força que a mulher tem, e o papel tão importante quanto o do homem, pois em sua grande maioria o homem dentro da sociedade é o que sustenta a família, que põe o pão de cada dia dentro de casa e na história dos povos indígenas o homem é o que mais se destaca nas lutas e vemos esse relato como quão forte é a força da mulher indígena.

[...]estavam as mulheres plantando, colhendo, vendendo, fazendo farinha e artesanato[...] (FREITAS, 2020, p. 21).

A mulher ela é guerreira, sendo o alicerce da família e do homem. A mulher indígena tem um diferencial, já nasce guerreira porque já defende o seu fruto (FREITAS, 2020, p. 21).

Mas a vida de Maria Coruja não era voltada apenas para trabalho com intuito de ajudar sua mãe e criar seus irmãos, tinha também as brincadeiras, sua parte de diversão, que naquele tempo eram diferentes das que tinha no meu tempo de criança e na nova geração é ainda mais difícil de ver essas brincadeiras. Da uma sensação de querer ver aquele momento ao ver o seu relato, querer viver. Sigo então com a pergunta feita a minha entrevistada e sua resposta:

- Como eram as brincadeiras no tempo da senhora?

Ah! Nossa brincadeira era deferente. era mermo, nois brincava...no tempo deu minina, nois brincava roda, brincava joti, nois brincava três três passará o derradero é de ficá... joti é nois curria daqui e escundia de lá, aí um ia percurá nois,aquele que achvaa era o joti, é o esconde esconde de hoje, nois brincava piranha, nois brincava pião, quipa eu, ai depois que nois cabava de brincar nois ia fazer o awê, quando cabava o awê nois ia corrê (Maria Coruja, 27/07/2021).

Na verdade não eram só as brincadeiras que eram diferentes, tudo era diferente de hoje em dia. Podemos dizer assim que pequenas coisas fazem essa diferença toda, relatos de festas como aconteciam não se compara com as que tem hoje, percebo que durante seu relato tem uma certa saudade de antigamente, de fato, certas coisas eram mais difíceis do que hoje, mas são tempos que ficaram apenas na memória e que hoje vejo no olhar da minha vó a saudade daquele tempo, daqueles momentos vividos, momentos preciosos, vamos então apenas criar na mente uma ilustração da Barra Velha de antigamente pelos relatos e olhos de Maria Coruja.

- Como era Barra velha antigamente?

Ao fazer essa pergunta a ela, percebi que o seu olhar foi longe. Senti que ela naquele momento foi profundo buscar memórias tão preciosas, e assim segue seu relato :

No tempo que mim itidi de gente, barra vea era barra vea, so tinha sete casa cum a do vei Istevo. Depois desse negoço que criô mais casa, foi chegando gente e agora ta aí ó. Tinha festa aí im barra vea, num tinha cantô, era cuncertino, era violão, era cavaquim, era pandero, num tinha neia era olio dizo que clariava, era ars luz que clariava o salão pra brincá a sala era dentu de casa mermo aí ó, era dentu de casa que fazia festa ai dentu de barra vea a casa do vei Pifanio (Maria Coruja,27/07/2021).

6.1 Relembrando momentos do Fogo de 1951

O fogo de 51 foi um terrível momento na história do povo pataxó. Não tem como falar sobre a história do meu povo sem citar esse ocorrido, já houve diversos trabalhos falando sobre, mas cada um dos nossos anciãos conta da sua maneira o que viveu durante esses dias difíceis. Existe relatos que contam que a aldeia Barra Velha foi cercada por policia de Prado e Porto seguro, e começou a troca de tiro, os policia pensavam que os índios estavam armados quando na verdade os nossos parentes estavam fugindo para as matas. Foi um verdadeiro massacre, mulheres foram violentadas, muntavam nas costas de índios como se fossem animais, bateram em muitos e depois que isso acabou muitos que saíram correndo não voltaram, da minha família mesmo tem tios que eu não conheço por causa disso, outro que saíram foram formando outras aldeias nos arredores do território, por isso hoje Barra Velha é chamada de ALDEIA MÃE. Muitos chamam esse fato de fogo de 51 ou massacre, outros se referem ao mesmo como a revolta de 51.

E a minha avó Maria Coruja era criança quando isso ocorreu, mais ela lembra e conta o que ela juntamente com sua mãe e com seus irmãos, fugiram por medo de serem mortos. É bastante difícil ouvir seu relato, pois foram dias difíceis, passaram fome, sede, dormindo no mato sem dever nada a ninguém. Ao contar a sua história do fogo de 51 senti sofrimento, dor nas palavras e no seu rosto enquanto lembrava daqueles momentos.

Comecei então, a pergunta-la sobre como que eles descobriram o que estava acontecendo. Seguimos então com o começo do relato de Maria Coruja:

eu me alembro muito bem... eu tava dormindo... foi quando mamãe se assustô... a tirambansa que já tava, mamãe chamando nois e bafô Cláudio e nois saímo cum tudo... ela só pegô uma cuberta vea, mamãe á saiu disisperada. Nois saímo ali pelo sacco, nem pur lá num foi, lá no sacco mamãe subiu lá pá riba da ladera, já saiu cá nu campo ... corre minha fia, corre minha fia, aí quando o dia ja vinha clariando, currimo, subimo lá, saímo cá e intremo pra cá e lá vai noisi, aí nois foi inté lá onde Jurandi mora, daí nois de entrá pra lá nois fumo pro campo do boio, nois passava ni capoera que nem cobra incepada passava, de tanta tiririca de navaia, mamãe na frente cum Cláudio, Terezinha atraisi e eu no meio eu cum uma panelinha piqueninha assim, terezinha cum um bolo de cuberta preta dibaxo du braço(...) (Maria Coruja, 27/07/2021).

Após saírem da sua casa corridos para não serem pegos pelos policcias, começou dias difíceis para Benícia e seus filhos, correndo pelo meio do mato, pasando fome,sede e até noites sem dormir, pois o medo era maior, plo do caminho ao qual percorriam encontravam conhecidos, que procuravam audar de alguma forma, ofereciam abrigo,mas não queriam ser pegos pelos policcias que só queriam fazer o mal.

[...] correndo...cum fome,cum sede... Nois cumia banana verdi, mamãe chegava naquelas capuera que tinha aqueles pé di banana, rivirava e tirava bananinha des tamanhim, cuzinhava, pegava cum a faca tirava a casquinha du pau rapava e dava pá nois cumê,pá num morrê di fomi na mata...

aí passemo numa capoera que eu fui passá nu pau, u pau pegô aqui ó na minha perna, por causa disso num corria mais só fazia já mancando, mamãe pegô o pedaço da cuberta vea rasgô e amarrô isso aqui, inda bem que o pau intró e eu correndo num ficô só lascô, fez uma boca aqui na minha perna... eu chorando mamãe sigurô, garrava ne minha mão e eu rastando minha perna dentu du mato, o lugá que eu passava u sangue ficava... aí

nois saimo nu campo di novo, ela viu batendo lá im cima, ai mamãe disse assim : “agora fica aqui que eu vô lá”, quando chegô la era a vea Julinda, nois morto de fome e de sede... aí o ribero noi bachemo bibimo água, e a minha Prima Julinda falô :” mais Benici u qui você anda fazenfo nesse cum esses minino ?! vomo lá pra casa.” Eu tava tão grande que minha prima me pegô no colo por causa dessa perna ... mim pegô sbiu a ladera e mim botô im casa pur causa dessa perna qui tava firida, chegô lá ela fez cumida, nois cumimo mais mamãe, depois ela fez uma bichada assim, um saco veio de negoço e deu pra mamãe, aí nois cum medo. disse assim :

- Dorme aqui Benice.

- Num durmo naum minha prima, num durmo de jeito ninhum, eu vô mim embora (Maria Coruja, 27/07/2021).

Procuravam se abrigar no meio do mato, fazendo pequenas cabanas feitas com patioba, uma espécie de palmeira que tinha e ainda encontram nessa região. Correndo perigo até mesmo de algum bicho venenoso picar, mas como minha avó mesma disse, a proteção de Deus sempre foi maior. E em meio há tantas coisas durante a entrevista minha avó sorriu ao lembrar de quando ela juntamente com sua irmã quebrou a cabaça que tinham ganhado.

E ela de saí lá pra cá fundô na mata de novo, uma chuva, chuva mermo, aí eu me alembro que quannndo mamãe chegô na mata limpô assim, foi lá nas patioba bichadô assim cum a faquinha que ela levava, nossa arma era a faca, cortava as patioba, cabô tirô a vara grande assim cabá ela infia as perna grande da patioba nu chão, fazia aquela barracona grande pra pudê cubri nois, aí cabô ela limpô tudo pra pudê nois durmi ali, mais mamãe num durmiu. forrava aquele pano preto e rebuçava nois cum o pedaço da cuberta... quando foi nu oto dia mamãe saiu, inda bem que minha prima Julinda deu cumida pra nois ... aí nesse lugá nois cumia mais mamãe... tinha uma cabaça assim que minha prima deu timbujada eu que carregava essa cabaça... aí mamãe vai pegá agua la im baxo no ribero quando chegô lá Terezinha vai escorregô quebrô a cabaça inda bem que ficô o jeito da cuia, aí nois vortemo chegô lá mamãe chorô por causa da cuia... (Maria Coruja, 27/07/2021).

Em meio tanto caos, e correndo, e se escondendo para fugir. Acredito ser o agir deus, pois não tem outra explicação. O pai e avó de Maria Coruja encontram onde eles estavam e fizeram um abrigo maior, a intenção era ficar ali até o fogo de 51 acabar, mas não foi isso que aconteceu .

ai nois fiquemo dentu dessa barraca mainhicimo o dia ali, quando nois tamo demoro mamãe viu pisá lá nu mato assim que nois oiemo era papai e vovô... foi diretím onde nois tava ... ai papai indireitô a barraca, fez a barraca maiôe tudo, bichadô de paia de ori canaim cima, inredô, fez o pente e fez a parede de ori cana, ai nois fiquemo ali, ele disse assim:”-nois vamo ficá aqui inté acarmá lá,quando acarmá nois vomo imbora (Maria Coruja, 27/07/2021).

O massacre de 51 é uma história que para quem conta é doído, quem viveu é sofrido e para quem ouve é revoltante! Falo isso pois me pergunto como alguns parentes daquela época tinham coragem de se juntar aos guardas para caçar outros parentes e ainda incentivar a matar inocentes, vejamos o relato a seguir:

[...] ai quando nois tomo ali num demorô nois vimu quebrá pau, mamãe olhô mais papai era Cazuzza, Jô beleza, Zé Guede e Ontoin de Lina e o finado Du Vije. Eles cum duas puliça... Ai quando mamãe olhô, vixe! Ai vovô suspendeu a paia assim e saiu, ali ele disse :”num corre naum, teje prezo, bandido teje prezo!”. Ai vovô inda oiô pra ele assim: “ naum, bandido naum, eu sô um véi mais num só bandido naum, eu sô home!”. Ai, assim mesmo mamãe, corre papai, ai vovô correu nu que vovô correu, eu curri atrasi, ai quando chegô ni certa artura e papai nu meu pé...maisi quando papai foi a puliça já vinha cumigo nas costa, pelu aquele Cazuzza, Jão Beleza e Zé Guedes as puliça tinha mi matado, quem num dexô me matá foi as puliça, “naum, ela é criança ela num merece morrê naum,nois quê é o vei”. Ai quando eu vim chegando cá, o tiro recendeu pra lá, tinham atirado ni vovô, ai mamãe ficô chorando nois tudo chorando... ai papai saiu tomem quando chegô bem lá dentu ele incontrô cum vovô,ai ele vei falô cum mamãe que ele ia maisi vovô, só tinham quebrado a perna dele, atirado na perna dele inda bem que elis fizeru um bangué e tiraru vovô pur lá num sei pur onde é ... tiraru e lavrau pro Prado... mais num mataru ele naum. Ai nois fiquemo e ele disse assim eu vo tomem, eu vo pra mim í mais o veio, ai ele foi (Maria Coruja,27/07/2021).

E novamente eles saíram correndo pelo mato até chegar em uma casinha que eles tinnha num lugar chamado São João de Minas. E sempre aparecia alguém para ajudar eles naquela situação dificil em que se encontravam, sem nada para comer e além de ajudar também alertavam obre o perigo que corriam .

E nois saiu, larguemo a barraca pra lá num socovão pra lá e saimo. Quando nois cheguemo cá nu campo de são jão de mina, já saimo aí, mamãe correndo pur dentu da mata, naquela mata de lá, passemos lá no prego, do prego nois demo pra cá, aí nois vinhemo pra casinha onde nois ficava, onde mamãe morava mais papai, im riba da ladera, tinha dois pé de aruera um lá e oto cá e a casa era bem na beraa da aroera, mamãe disse assim oia minha fia agora nois vamo ficá aqui, mais mamãe sempe assustada, aí mamãe ficaa na janela oiando ... e nois tamo cá no fundo brincando eu mais Terezinha e Claúdio minino tá somando cum nada né, aí cundo mamãe oió titia Maria, mãe de tii Caciano vei de lá quela viu nois passaá, cundo ela chegô cá ela disse “- Bença minha fia vucê ta aqui?”, aí mamãe disse: - eu tô minha prima!

- Minha fia vucê sai daqui que Zé Guede ta percurando vucê iguá percura uma agulha pá te matá vucê, se ele te matá Bença aonde que essas minina vai ficá? Aí mamãe aqui masi di pressa e cadê, tudu cum fome, água tinha né, que nois inchimo as garrafa d’agua lá botava cá im casa, aí titia disse manda Maria í lá im casa queu dô uma munchea di farinha e ela traga, cundo cheguei lá minha tia deu uuma cuia grande assim de farinha, cum carne di porco assado tudo ela deu, deu banana aí ela vei me trazê até cá perto, aí ela disse : “- agora minha fia vucê vai e eu vô vortá, mais fala cum sua mãe que ela num fica lá naum.

Cheguei cá, falei cum mamãe, nors nem cumimo, larguemo a cuia, mamãe botô no pedaço da cuberta vea a farinha e marrô, terezinha jogô na cabeça eu passei a mão na panelinha e nois saímo, larguemo us trem tudo lá, mamãe fechô a porta e nois saímo, fumo imbora la pra onde esse Jurandi mora, lá nois de ficá na casa naum, nois fiquemo dentu du mato, a casa du finado Savadô tava im pé, aí nois fiquemo dentu du mato oiando, aí cundo de a tardizinha e tudo, mamãe, as minina agora minhas fia nois vamo durmi lá naquela casa. Aí nois vinhemo, intremo pá dentu de casa, inda bem que tinha porta né, e ela fechô as porta, mars ela num durmiu, nois queu durmia, minino né... aí cundo foinu oto dia mamãe disse assim:”- agora nois vamo lá fora buscá as ropa pá lavá, tmá baim pá nois saí daqui, aí nois foi... cundo nois cheguemo la, pois Zé Guede foi lá na casinha, pegô Nossa Senhora d’Ajuda quebrô ela todinha e tocô fogo im nossa ropa e ispatifô tudo, pintô e bordô tudo, tudo cum noisi, Zé guede que fez isso cum nois mais mamãe, e tia Maria que foi avisá mamãe e se ela num fosse avisá nois, ele pegava nois lá e matava!... aí nois fiquemo, ai mamãe disse :” Etah minha Nossa Senhora d’Ajuda!, mamãe pegô, us pedaço da santa né, pegô o pescoçim e pegô e pegô o mei dela e cá injeitô e pregô tudo,

imendo ela tudo de cera de abea, aí ela botô dentu du pano assim e amarrô cá, ali ela levava ela, mamãe levava a santinha” (Maria Coruja, 27/07/2021).

No dia em que fiz essa entrevista o meu pai estava presente e apresento uma fala dele após ouvir esses relato da minha avó:

E hoji, depois di tê acontecido isso tudo, as pessoas se acha sê u dono de tudo, depois qui fez isso tudo, num sabe u passado, eu num falo cum meus parente de hoje,mais que for pra frnete, num sabe o que seu antepassado la atrás fez naquela época du fogo de 51, hoje aí ... o que aconteceu cum minha avó, quem tava atras foi o Sr. Zé Guede e Sr Du vigi, então as pessoas tem que vê isso, tem que tê isso num memorial, uma recordação, o que foi que os seus avó, Bisavó, tataravó fez cum as pessoas indígena de dentu da aldea, a minha avó correu cum minha mãe, cum meus tio pá dentu da mata ficô lá, vomo tê RESPEITO! que eu num tô disfazendo de parente meu nenhum, maisi, num foi eles que fizeru mais foi seus bisavô,seus avô, seus tataravô quqe fez, fez cum minhz mãe e minha avó, é uma vergonha sabê uma coisa dessa! (Arnilton,27/07/2021).

Por conhecer os lugares minha bisa sempre sabia onde encontrar algum lugar que eles podiam passar a noite. Apesar da situação difícil que meu povo viveu, nossos velhos não deixaram de ter fé, muitos sabiam rezas e outros se apegavam aos santos, como é o caso de Benícia a mãe de Maria Coruja:

Aí mamãe disse assim:” - agora nois vamo lá na casa do vei Julho, na casa da vea Santa”, é aonde esse oto mora mais Goia, minha irmã cundo nois chegô lá, tava aquela tapera fea, tudo quemado, aí mamãe diga: “- eh meu Deus! Cum moda que num tá aqui, façi idea cumo num tá im baxo, que era im Barra Vea”, cundo nois tamo ali minha irmã, que mamãe oiô pela janela vem as puliça, aí minha mainzinha, coitada de minha de minha mãe de noisi, tudo quemado né, tudo ispatifado, aí ela “ valeme minha Nossa Senhora D’Ajuda!”, aí ela foi ficô nu canto du quarto, ela botô eu, Terezinha e Cláúúio e ficô na frente, num acredita ni mim, acredita im Deusu minha fia,elis intraru nu quartu, andaru pur lá, foru nu oto quarto mexeru pur lá, vostarú saíro e foru imhora mais num viu noisi, tá vendu, us milagri de Deusu e di Nossa Senhora que mamãe tava cum ela ali ó, depoisi aí num pá onde foi a santinha di minha mãe (Maria Coruja, 27/07/2021).

E depois de dias correndo sem ter lugar certo para ir, eles finalmente voltaram para Barra Velha, e quando chegaram toparam tudo destruído.

Aí nois saímu vinhemo imbora di vim pra cá foi lá pá Barra Veia, a vai noisi, cundo chemo lá tava tudo silêncio minha fia, a casa do vei Pifânio tava só a carcaça, a casa do vei Imílio mais da veia Savina só cê vendo cumoda qui tava, as casinha qui tinha tava tudo ispatifado, a casa grande da veia Balaia maisi da veia Damiana, oh meu Deus, tava era fei, fei, fei meso Barra Veia, aquela Barra Veia era bunita e ficô fei, virô uma tapera, num tinha um pé di pessoa dentu de Barra Veia, eu era minina, mais me alembriu cumo hoji, aí mamãe disse “- e agora?! vumbora, vamo vortá’”, cundo noisi vortô, mamãe disse assim: “aqui qui era a casa di papai, daqui do vei Honoro, de cá do vei Pifani,, de cá eradu vei Macelo, de lá era du vei Ozea... tudo assim qui ela ia mostrando as casa qui tava tudo quemada (Maria Coruja, 27/07/2021).

Quando os guardas junto com os outros homens que estavam guiando eles pegaram vovô, eles foram para o Prado e o pai da Maria Coruja foi junto também para lo acompanha, mas, a pedido de vovô ele voltou para buscar Benícia e seus filhos, pois o mesmo tinha encontrado famílias para adotar minha avó e a irmã dela:

Sim... daí papai foi maisi vovô, de lá vovô deu pur lá maisi papai, daí papai vortô vei buscá mamãe, aí cundo chegô, na casa da veia Maria, nois tava lá, ele chegô, “Benice eu vim ti buscá qui o vei mandô, qui eli já deu Maria, já deu Terezinha, só num deu Cláudio, aí mamãe foi, nois fumo pro Prado, aí o vei Macelo, Pai du vei Tururim pegô eu aí de Barra Veia, levô eu nas costa, passô a peda do torõrom e foi batê nu Prado cumigo nas costa e grande que eu tava, e a bocona aqui, marrado cum pano, aí cundo chegô lá nu Prao já tava Mariazinha, Binidita agila tudo lá já pá pegá nois. Aí Mariazinha disi assim:”- Maria é minha”, eu gritei logo: “- Eu num vô naum, eu num vô largá mamãe!” Binidita agila disse: “- Terezinha é dela”, aí Terezinha cumpanhô logo ela, e Mariazinha ficô pelejando cumigo, aí despos nois fi pra casa de Maria caboquinha lá nu Prado, aí a veia maria disse assim: “ vai minha fia, ela é genti boa! Eu cunheço ela”, ela me botô nu carru eu fui, cum pano marrado aqui ni miha perna, aí cundo chegô lá ela levô eupum tali de hospital sei lá, o homi foi e fez curativo e passô aquela bichada assim e eles me botaru nu caru e levaru eu pá casa, aí cundo foi um dia mamãe foi la na casa dela “- é Mariazinha eu vim cá falá cum você, pá você tomá conta de minha fia, num andá judiando di minha fia, queu vô mim imbora... e eu iscutando, aí eu digo : “ ah eu num fico naum

Mariazinha, eu vô mim imhora maisi mamãe, e mamãe saiu chorando e no quarto que eu ficava maisi as minina tinha uma janela, eu fui pulei imrrriba da cama, pulei a janela e disgramei num mim importei cum perna doente, aí cundo eu fui chegando na intrada pra casa de Maria Caboquinha aí o carro já buzinô atrasi deu eu infiei cum tudo eintrei dentu de casa, sem nadda, sem ropa sem nada, Mariazinha chegô pra mim vortá, aí eu unhei ni mamãe eu num sorto, eu um vô di jeito ninhum, e seua ropa Maria quii ficô lá, eu digo eu num mim importo de ropa, eu to vistido! Aí ela vortó foi lá peguei meus treim e troxe, intregó mamãe e eu vim imhora, mamãe ja se acabô junto deu. Eu num seio porque vovô deu eu i Terezinha, acho que era pá nois as vez disocupá maisi mamãe né, maisi é ruim deu ficá (Maria Coruja, 27/07/2021).

Após esse relato a questioneei o motivo pelo qual vovô “deu” ela e ti Tereza... e ela disse que não sabia o motivo, achava que era para as coisas ficar, mas fácil para Benícia a mãe dela.

Após dor e sofrimento o fogo de 51 finalmente cessou, e começou a reconstrução da aldeia Barra velha, muitos não voltaram e estão até hoje fora do nosso território e foram poucas famílias que retornaram e veio então a luta constante pela demarcação do território.

Aí despois que cabô tudo, aí vei us pessoau, veiu o finado Pifâni, veiu finado Pifani vei, veiu a finada Jusefa,, vea Istela, vei a vea Istefânia, vei mamãe, veiu (Maria Coruja, 27/07/2021).

7. TRABALHANDO COM MEMÓRIAS – PARTE 2: REVIVENDO MEMÓRIAS - DA ADOLESCÊNCIA À FASE ADULTA

Antigamente as casas não eram tão distantes umas das outras, e a família da minha avó já conhecia e tinha um certo convívio uns com os outros, de tanto que vó Coruja chamava a mãe do meu vô de prima então desde pequenos eles se conheciam e conviviam de certa forma juntos, como Dona Maria Coruja mesma diz nos relatos a seguir:

Não, era minino, nera veio rapazão grande, mulorona não, era tudo minino noisi, aí nois se gostemo né, fumo crescendo, aí o veio esfaliceu aí na onça, aí minha prima Estefânia passô la pro campu São jão de mina e daí nois foi crescendo tudo junto e daí nois fomo se gostando, gostava deu eu gostava dele...aí lavai minnha prima gostava muito deu. Aí ele fou crescendo e eu tobem, nois mudemo lá pro pistola e daí nois foi cuntinuando nosso amô...daí ele foi morá lá na baguera mais a veia, aí despois vortô e eu voltei a gostá dele de novo.

Presta atenção ó, ele gostei dele desde pequena, despois de vea tobem, nunca namorei oto a num sê ele ó ... foi mermo, é verdade! (Maria Coruja, 27/07/2021).

Após saber um pouco de como eles se conheceram, perguntei sobre como foi feito o casamento deles, pois antigamente as pessoas “fugiam”, se juntavam e iam morar juntos, o que se chama de união estável e também tinham as pessoas que casavam no religioso, pois desde antigamente tem a igreja de Nossa Senhora da Conceição na aldeia Barra Velha. Ela é tida como padroeira da comunidade atualmente.

Eu casei aí em barra veia ... nois casou pra batizar Antonio Jusé, casei na igreja e é por isso que ainda luto, poruqe o casamento é respeitado né?!

Casamento tem respeito... agora no ciuvi num aquele mais a igreja é respeitado e abençoado, agora no ciuvi, meu finado padrim oretim falava, que viuvi casava pra sigurá o que ele tivesse (Maria Coruja, 27/07/2021).

Quando eles casaram procuraram um lugar para fazerem uma casa, as casas antigamente eram feitas de palha, barro (taipa), com cobertura de tabu ou piaçava.

Nois vinhemo pra qui quando intrô o parque, aí foro odo mundo saiu, aí nois saimo, fomo la pro dotu lado, lá pu come quem leva, de lá du come quem leva nois vortemo, vinhemo

aí pra onça, daí da onça eu fiz uma barraquinha maiôzinha de qui essa qui de paia de coco pra nois ficá, aí nois fiquemo, e Luiz qui tinha roça aí num Anjo e tinha uma casinha aí, daí ele foi e firiceu a casa cum a roça pra ele, pra trocá numa jega, aí ele foi trocô, daí nois saimo daí da onça e fomo pra lá pro Anjo, de la do Anjo cumo cumpade Zeliço ele morava ali, aí cumo intrô logo esse negoço da Boca Da Mata, Mei Da Mata pra lá e tudo, tava dando muitxa caça, muita coisa pra lá cumpadi Zeliço foie firiceu a casinha que nois morava lá, aí ele tinha um cachaça grande, cumpadi Zeliço trocô nesse cachaça, aí cumpadi Zeliço ficô cum u porco e nois iquemo cum u lugar, e daí pra cá nois fomo trabaiano, fizemo roça aí, essa istampado aí tudo foi roça nossa, aí intrô a Funia cum coco, aí ele comprô 300 muda de coco, aí era uma massega feia ó, aí o que qui nois fizemo, eu masi ele, Arnildo, Fermal, Iara, Ildina tudo na massega aí capinano de inchada, u cum barrigão capinano de inchada aí ó... fazendo coroa pra pudê prantá coco, até qui nois limpemo tudo, daí nois fiquemomrando aqui, trabaiano aí na roça, pú aí tudo era roça nossa, esse istampadão aqui eera de cumpadi Zeliço, aí nois fiquemo aqui, aí morando, morando, nois num tinha uma casa, aí Baiano me deus umas ternite aí Romildu me chamô, Dona Maria vamo fazê um negoço nas ternite cum a casa, a sinhora fica cum a casa e eu cum as ternite pra eu fazer uma la ni Barra veia, aí eu fiquei cum a casa, daí nois vinhemo pra cá morá aí,daí a casa começô a pingá eu disse vô fazê uma casa cum fé im Deusu, peguei e fiz aquela lá, daí os pessusá vieru pra botá a caxa, daí eu fiquei cum medo, tirei minha casa daí botei la ó é purriso que moro aqui (Maria Coruja, 28/01/2022).

Apesar de terem casas na aldeia não eram moradias fixas, as pessoas faziam essas casas para que quando fossem fazer roças grandes que levaria dias para terminar, terem onde ficar, mas as pessoas tinham apenas roças ali.

Sendo assim, quando fizeram a compra(toca) com os donos e passaram a ter morada fixa lá, se tronaram os primeiros moradores da aldeia. Aí depois chegaram outras pessoas como ela mesma fala no relato a seguir:

U primero que vei pra aqui fui eu e la im cima foi Luís mais Cunceição, e depois foi Tinta lá du lado de lá. Aí foi indo, foi indo, foi juntando gente tudo pra lá mais eu aqui morando no meu lugazim (Maria Coruja,28/01/2022).

Ao se mudar para o lugar que moram hoje, por ficar longe de barra velha, Maria Coruja procurou correr atrás de ir pedir para fizeram uma escola na aldeia para os filhos dela

estudar, pois, a única escola que tinha era em barra velha e ficava longe para eles irem andando, então ela foi até Porto Seguro para conversar com o prefeito de Porto Seguro. Mas, em meio a entrevista a perguntei se a escola foi feita depois que fizeram a estrada que dá acesso por meio de transportes como carros, caminhões, motos, etc. e como ainda não tinha estrada principal ela e meu avô carregavam os materiais num jegue e eles mesmo traziam esses materiais na cabeça, ambos carregavam duas tábuas, com muita labuta. Foi então que um homem chamado Chimo ficou com dó de ver a luta deles e por meio de um barco colocou as tábuas num lugar chamado Porto da Onça, que fica mais próximo da aldeia PARÁ, facilitando assim para eles, seguimos com o relato de Dona Maria:

A iscola piquena, num tinha istrada ainda naum, a de 25 foia de ternite, a de tauba lá, du lado de lá, ai quando foi essa grande aí já tinha a istrada, aí já vinha carro e já vinha trazê coisa pa iscola, maisi a piquena nois peguemo tauba de Barra vea, rastando, ele cum duas nas costa, eu cum duas na minha cabeça e a juega cum quato, aínessa istrada aí ó, pá fazê a iscola aí...aí Chimo, cumo achô que tava duro, nois ta rastando tauba de lá, aí ele pegô, cum barco dele e botô aqui no Porto da Onça, aqui do Porto a Onça ficô melhor ra nois carregá... foi... só eu e ele, os minino tudo piqueno num guentava, sol quente e nois trabaiano aí ó... Maisi Baiano deu lajota, deu cimento, deu telha tudo pra fazê aí ó, vinheru ingasopá eu cum 25 foia de ternite e umas tauba pá fazer a iscola, ingasoparo eu ... mais tá bom! Que meus fio agora já sabe a leitura e tudo, eu pidi a Baiano por que eu achava duro meus fii saí daqui e í pá Barra Vea andando, sem istrada, sem nada pra pudê istudá (Maria Coruja, 28/01/2022).

Então quando finalmente construíram a escola, ela Maria Coruja foram atrás de um professor para dar aula, encontrando assim o primeiro professor da escola da aldeia Pará, após encontrar o professor foram atrás de alunos, de casa em casa conversando com os pais e pedindo registros das crianças para fazer a matrícula desses alunos.

E quando acaba, quando a iscola tava pronta eu, o que eu fazai minha fia... saia pelas casa pidindo registo dus minino, trazia, ante de vê us registo eu fui vê o profssor, aí eu achei Nagô, aí eu fui atrasi dus registo, quado chegô aí os registo ja tava aí e Nagô fo matriculá. Esses minino daí tudo istudaru aí nessa iscolinha miudinha daí (Maria Coruja, 28/01/2022).

E após ela se mudar para o atual lugar onde reside hoje, outras pessoas também começaram a vir morar ali.

Então a perguntei sobre o nome a aldeia quem teria colocado esse nome, foi então que ela começou a buscar na memória e lembrou que o filho mais velho ela, meu tio Antônio José, pôs o nome porque indo de Barra Velha para lá, o Pará é o último lugar, então chegou lá acabou, parou ficando assim o nome do lugar Pará:

Foi Ontoin Jusé que botô u nome aqui, PARÁ, aí vem de lá e tudo quando chega aqui apara, aí PARÁ, foi seu tii mermo que botô u nome aqui, porque tiha u belém lá, e tinha que tê u PARÁ (Maria Coruja, 28/01/2022).

A minha avó enfrentou muitas dificuldades, mas nunca se deixou abater, sempre procurou trabalhar para dar o melhor a suas filhas e aos seus filhos também, mostrando a força que a mulher tem, a resistência da mulher indígena, trabalhou em roças ajudando o marido dela e não parava mesmo estando grávida continuava a batalhar, saia também para vender artesanatos que o meu avô confeccionava, saia também para fazer trocas de coco seco por peixe, ou farinha com peixes num lugar chamado Corumbau.

Tendo no total 11 filhos a família de Maria Coruja é bem grande, tendo neto, bisnetos e ate tataranetos.

8. TRABALHANDO COM MEMÓRIAS – PARTE 3: COMEÇANDO A CONSTRUIR UM PARÁ PENSANDO NO FUTURO

Existia apenas uma estrada a que ligava barra velha as outras aldeias Meio da Mata, Boca da Mata e Pé do Monte, e essa estrada que eles começaram a fazer tinha como objetivo chegar a essa estrada principal e além dessa estrada, tinha a linha do telégrafo feita há muito tempo.

Ao falar sobre futuro, logo se vem muitas coisas a nossa mente e se tratando de um lugar onde não havia estrada passar carros começa a imaginar um futuro com a construção de uma estrada e foi assim que começou. Não é que antigamente não havia estrada, existiam sim, porem, eram estradas estreitas, que passavam só pessoa e animais.

E foi então, que a minha família começou a capinar o campo, fazendo uma estrada para barra velha, meu pai conta que muitos falavam que eles estavam ficando louco por capinar campo que não daria para fazer roça ou algum outro tipo de plantação, chamavam o meu vô de doido. Essa estrada foi feita para passar carros, então é uma estrada larga.

Agora a istrada foi ele, essa istrada aí ó, na inchada, ele, Arnildo, Fermal, Iaria, que fez essa istrada daqui lá fora na istrada, inda chamou ele de doido ainda, pra fazer essa istrada daqui até lá. E agora tá sivindo pá udo né?! (Maria Coruja, 28/01/2022).

Como a minha avó disse quem iniciou a fazer a estrada foi o meu avô, ela não deu muitos detalhes sobre essa construção, eu poderia fazer uma entrevista com o meu avô, porém, não é possível, por que, por conta de um AVC que ele teve, ele esqueceu algumas coisas, e preferi buscar mais detalhes sobre a construção da estrada, como dito pela, a minha avó o meu pai estava presente, acredito eu que desde o início. Então o perguntei sobre como foio inicio, quanto tempo levou para terminar a capina dessa estrada. Segue o relato do meu pai:

O ano que foi 1995, que eu to lembrado bem. A ideia foi seu avó mesmo de fazê a istrada (Arnilton, 15/04/2022).

Além de ser para melhorar o acesso ao local a construção da estrada teve um propósito maior, que era a para poder o caminhão trazer os materiais da nova escola, pois a primeira

escola era feita de tábuas e telhas, e como a minha avó mesma disse que ela foi pedir novamente para fazerem um colégio, mas que dessa vez fosse construído.

Digo agora vou pidi um colégio, trabaiô três prefeito aí, trabaiô Baldino, aí intró Jõ Carlo tomem trabaiô aí, trabaiô Baldino duas vez... mais eu lutei, lutei mermo (Maria Coruja, 28/01/2022).

E seguimos a seguir com o relato do meu pai:

Pela dificuldade que teve de fazer o primeiro colégio, de carregá u material, aí cumo tava pra fazer o oto colégio grande, aí, suguiu a ideia de fazê a istrada, pá o transporte intrá aqui no Pará pá pudê colocá u material da iscola, e demorô mais ou menos uns dois mês pá pudê fazê essa istrada né, porque foi eu, Iaria, Ildina, Romildo, FEMALE papai mermo que capinou a istrada né, e sua mãe tomem que uns dois dias capiná tomem (Arnilton, 15/02/2022).

E foi assim que no ano de ... começou a construção da nova escola da aldeia Pará. Escola essa que eu estudei desde criança, só saí da escola Indígena Pataxó do Pará aos 9 anos de idade, quando passei para a quarta série do fundamental I cuja turma só tinha em Barra Velha e desde então continuei estudar na escola de Barra Velha até me formar no ensino médio.

Algumas pessoas falavam que a escola não prestava e não era boa o suficiente... mais trago comigo se não fosse boa eu não teria chegado onde cheguei. As pessoas vão em frente quando se tem um incentivo e quando realmente querem, com esforço e dedicação.

Muitos anos se passaram e a última turma da escola era formada por 11 alunos, porém, no ano de 2018 essa escola da aldeia Pará foi fechada pela secretaria do município, até hoje não se sabe ao certo o motivo pelo qual tomaram essa decisão, pois ainda haviam alunos que estudavam nessa escola. E atualmente ainda se encontra fechada, e os estudantes da educação infantil se desloca para Barra Velha para poder estudar.

Com a volta as aulas nesse início de 2022, uma liderança da aldeia Pará tem corrido atrás de anexar uma sala de aula para turmas do pré I e pré II, sala essa que seria fora da escola que já existe.

Apesar dos fatos ocorridos e a escola voltando ou não, por este trabalho fica registrado onde, quando e quem se preocupou em dar início a construção de uma escola na aldeia, para mim, é um orgulho imenso ter estudado lá e estar concluindo uma graduação... o legado de Maria Coruja não será apagado, pois, escrito com muita luta e garra para conseguir chegar nos objetivos traçados por ela.

Tenho também o sentimento de gratidão, por ela ter conseguido essa escola pensando nas suas descendência e é um enorme prazer eu dizer que saí de lá e estou onde estou hoje.

8.1. De cacimba e córregos à água encanada: a construção do poço artesiano

Quando era pequena, com mais ou menos uns seis ou sete anos de idade, ainda fazíamos os afazeres domésticos nos córregos. Lembro de sairmos de manhã para limpar roupas e pratos. Pegávamos água na cacimba, utilizando baldes, para a gente tomar e também para cozinhar.

Além disso, para tomarmos banho, durante a noite, era bem complicado, pois o caminho era por dentro dos coqueiros e tinha muito mato. Era muito perigoso porque tinha cobras e, naquela época, não tinha energia elétrica. Além disso, ninguém tinha lanterna. Então, meus pais e tios/tias, quando iam tomar banho, pegavam uma vela e colocavam dentro de um copo grande de alumínio para clarear o caminho.

Algumas vezes, eu ia com minha mãe para a beira do córrego. Enquanto ela limpava as coisas, eu brincava, pois, ainda era pequena para poder ajuda-la. Tenho algumas memórias vagas desses momentos, mas trago um relato da minha mãe, sobre esse assunto, que ocorreu muito antes do meu nascimento. Relaciona-se a algumas das dificuldades que ela enfrentou. Minha mãe me relatou um pouco sobre o tempo que meu irmão era pequeno, sobre como fazia as coisas com uma criança de colo:

Era bem difícil minha fia, porque não tinha ninguém para olhar seu irmão. Seu pai trabalhava, saía cedo, só voltava à tarde. Quando dava, ele pegava água pra eu limpar os pratos. Quando não dava, eu tinha que ir no Ribeiro fazer as coisas. Levava seu irmão porque eu não tinha ninguém pra olhar ele pra mim. O jeito era levar ele. Colocava ele pra brincar dentro de uma bacia, enquanto fazias os trem, Ia também pegar água na

cacimba com ele do lado. Quando acabava de fazer as coisas, botava a bacia na cabeça e ele no gancho e ia pra casa (Trecho da transcrição da entrevista com minha mãe – Data: 14/05/2021).

Como podemos ver nesse pequeno relato, as dificuldades em relação à água eram grandes. Principalmente, quando se tinha uma criança pequena, pois, ao levar o filho(a) para beira do córrego, que é uma área úmida, aumentava o risco desse contrair um resfriado. E, assim, vemos a necessidade de ter água encanada perto de casa. Acredito que esse problema não era apenas da minha mãe, ela não era a única que passava por isso. Minhas tias, outros parentes e moradores também.

Aproveitando o tempo de conversa que tive com minha mãe e meu pai, que estavam mais próximos de mim nesse momento, resolvi puxar assunto com eles sobre a construção do poço artesiano, e meu pai relatou o seguinte:

O poço, ele foi feito aqui no Pará, era na época que era a Funasa⁶ que era o órgão que tomava conta da saúde dos povos indígenas...esse poço, tudo aconteceu pela correria de mãe mais de pai, que foram à Porto Seguro. Ficaram muitos dias em Porto Seguro, brigando lá, com um cara que chamava Aquin e outro Divino. Ficaram lá lutando lá... e eles prometerão esse poço. E num tinha muita pessoa que morava aqui não. Moravam umas 40 famílias na época, ou menos ainda (Trecho da transcrição da entrevista com meu pai – Data: 14/05/2021).

Com o intuito de conseguir informações mais detalhadas, continuei a fazer perguntas a ele, pois ao longo da nossa conversa foram surgindo mais questionamentos, tais como: havia algum projeto feito para construir o poço? Os responsáveis, na época, responderam da maneira desejada, ao pedido de Maria Coruja? E meu pai completaram, respondendo da seguinte maneira:

⁶ FUNASA- Fundação Nacional de Saúde, é uma fundação pública, vinculada ao Ministério da Saúde (MS), que tem sua sede em Brasília/DF e conta com 26 unidades descentralizadas, umas em cada estado Brasileiro, denominadas superintendências Estaduais.

Objetiva a promoção e proteção à saúde, formulando, implementando e fomentando ações e soluções de saneamento para prevenção e controle de doença. Sua missão institucional é promover a saúde pública e a inclusão social por meio de ações de saneamento e saúde ambiental. A Funasa, integrante do SUS, contribuindo para as metas de universalização do saneamento do Brasil, será referência nacional e internacional nas ações de saneamento e saúde ambiental. (<http://www.funasa.gov.br/perguntas-frequentes-Fundação-Nacional-de-Saúde-Funasa>).

Não tinha projeto nenhum. Eles saíram daqui, foram a Porto Seguro e pediram o poço. Num foi nada aprovado. Depois, tornaram a ir, de novo. Com muita luta, o projeto foi feito. Mãe apelou em Porto Seguro mermo! Falô que queria um poço, queria um poço, até que ela conseguiu o poço aqui pra aldeia (Trecho da transcrição da entrevista com meu pai – Data: 14/05/2021).

Outra coisa que me instigou bastante, foi quanto tempo, depois da primeira viagem de Maria Coruja a Porto Seguro, o poço começou a ser construído. E como que ele funcionava. Meu pai, então, esclareceu:

Então, minha fia, ela, sua vó, deu “mucado” de viagem à Porto Seguro. Depois da primeira viagem que ela deu à Porto Seguro, pra vim fazer o poço, demorou, mais ou menos, de dois a três anos pro poço ser feito ainda (Trecho da transcrição da entrevista com meu pai – Data: 14/05/2021).

Naquela época, o órgão responsável pelas questões relacionadas à saúde indígena era a Funasa. E foi por meio desse órgão que o poço foi feito, pois, a questão não se tratava apenas de melhorar as condições dos afazeres domésticos, mas envolvia também a saúde das pessoas. Segundo relatos do meu pai, a aprovação para essa construção só foi liberada após terem pedido uma amostra da água do córrego, que era a água que se bebia na aldeia. Meu pai disse:

Levando análise de água, amostra de água daqui do corgo (córrego), aqui que a gente bebia aqui, que ai que levaru diretamente ao polo da FUNASA em Brasília e pediram pra fazer o poço aqui na aldeia Pará. Foi daí que nasceu a decisão de fazer o poço. Mais num tinha projeto nenhum desse poço (Trecho da transcrição da entrevista com meu pai – Data: 14/05/2021).

Lembro-me que era um tempo de chuva, quando chegaram uns caminhões para começar a perfurar o poço. Meu pai e minha mãe disseram que nem esperavam mais que eles viessem fazer esse poço e, de repente, chegaram. Recordo-me que eu ficava curiosa para saber o que seria realizado com aquilo tudo. E minha mãe falava que eu não podia ir lá porque era perigoso. Então, após se instalarem, começou a perfuração de água.

Também me lembro que, para fazer a encanação na aldeia toda, fizeram várias valas na terra para colocação dos canos. Isso foi em toda a aldeia, em todos os lugares onde tinha casas. Quando, finalmente, instalaram a rede de encanação, minha mãe e minha tia

ajudaram a aterrar as valas dos canos. Pronto! Já tínhamos água encanada e perto de casa. Nas palavras da minha mãe:

Seu pai e seu tio Fermal ia cavando as lava que passa os cano, e eu, e sua tia Zélia, ia enterrando (Trecho da transcrição da entrevista com minha mãe – Data: 14/05/2021).

Inicialmente, o poço utilizava combustível diesel, porque não tinha energia elétrica. Desse modo, quando terminou a perfuração, iniciou uma discussão sobre quem iria ligá-lo. Então, fizeram uma reunião com toda a comunidade para tomar essa decisão. Algumas candidatos foram indicados a esse cargo e fizeram uma votação. Aquele que tivesse mais voto, ganhava. Foi, então, que o meu tio, chamado Fermal, foi o vencedor dessa votação. Ele foi até um lugar, chamado Ribeiro de Pombal, para fazer uma espécie de curso para se capacitar para manusear o motor da bomba de água.

Ficou muitos anos com a bomba sendo a base de diesel. Após a chegada de energia elétrica, a partir da execução do projeto “Luz para todos”, mais ou menos em 2008, o bombeamento da água passou a ser realizado com eletricidade.

Às vezes quando essa bomba de água quebrava, nós tínhamos que ir para o córrego novamente. Muitas vezes meus primos, meu irmão e eu pegava água a tarde para tomar banho antes de ir para escola no outro dia de manhã.

A manutenção, pela parte da Funasa, foi feita poucas vezes. O responsável por ligar a bomba é que via e avaliava como estava o funcionamento. A perfuração do poço, inicialmente, era de 117 metros (ARNILTON,17/09/2021). Mas, atualmente, por conta de descuidos, essa profundidade é menor e temos toda a comunidade se preocupa, com medo de que esse poço chegue a secar.

Mas do que era a uns anos atrás, hoje está bem melhor, graças a deus .

9. TRABALHANDO COM MEMÓRIAS – PARTE 4: VIVÊNCIAS DE MARIA CORUJA

Dona Maria Coruja como é conhecida, é uma grande conhecedora das medicinas tradicionais, possuindo um amplo conhecimento sobre isso. Alguns *idxihí*⁷, que procuram ela para fazer rezas e banhos a chamam de MÃE CORUJA, e esse nome tem se popularizado bastante, pois já tem até música feita em sua homenagem.

Neste capítulo procuro trazer a dona Maria benzedeira e apresentar alguns dos seus conhecimentos, lembrando que não é tudo que pode mostrar ou falar, pois se trata de algo sagrado para o meu povo.

9.1. Como parteira

Dona Coruja, assim como muitos a chamam, também já foi parteira, fez parto e já pegou muitas crianças, fez parto de sua filha chamada Ildina, e sempre as pessoas iam buscar ela para pegar essas crianças:

Já fui partera, peguei mucado de minino... mais agora ó, cabô (Maria Coruja, 28/01/2022).

Continuando a conversa a questioneei o porquê dela não exercer mais a função de parteira, então ela me disse que parou por conta da sua visão:

Parei porque das minhas vista ó, uma partera pra el aí fazê parto duma pessoa carece as vista dela tá boa, a vista e a perna, tudo...pra pudê fazê u partu. Inda bem que as que eu ia pegá us miino, graças a deus nunca teve problema, quando eu chegava, tava la eu ia, fazia o que eu divia fazê e num demorava ela ganhav o neném. Eu cortava o imbigó, limpava e tudo, dava baim dexava lá. Dos fii de Ildina eu só num peguei Juatan, que eu cheguei ela ja tinha ganhado ele, mais o resto foi eu que peguei (Maria Coruja, 28/01/2022).

A medicina do povo Pataxó, também se faz presente na hora do parto das mulheres. Existem alguns banhos usados para aumentar as contrações na hora do parto, tem ervas específicas para fazer esfregações nas mulheres e para fazer chá, tem também outros

⁷ Essa palavra é pertecente a língua materna do meu povo o Patxôhã, cujo significado é “homem branco/não indígena.”

banhos que são usados para saber se a dor é a dor de parto ou apenas dores de contração de treinamento.

9.2. Saberes da medicina tradicional

O povo Pataxó tem um rico conhecimento sobre as medicinas e rezas tradicionais passadas por diversas gerações.

Minha avó assim como muitos anciões do povo Pataxó tem um grande conhecimento sobre os saberes tradicionais do povo Pataxó. Ela sabe rezas, para peito aberto, espinhela caída, vento caído, espanto e além dessas rezas, sabe também fazer banhos de ervas e juntamente com meus tios têm trabalhado na criação de um espaço que seja específico para isso.

Para dar uma melhor explicação do que é e como são feitas essas rezas trago pequenos trechos do trabalho de conclusão da professora de boca da mata Joseane Ponçada Santana.

Espinhela caída:

Para a espinhela, o rezador pega um fio e mede o ante braço da pessoa que vai ser rezada e depois com a mesma medida do ante braço ele mede o peito, se juntar as pontas do fio a pessoa não está de espinhela caída, e se o fio ficar afastados a pessoa estar com a espinhela caída, que pode dar dores no peito e atrás das costas e dá a sensação de inchaço no peito (SANTANA, 2018, p. 49).

Vento caído:

Essa reza é usada mais nas crianças de colo, porque eles são mais sensíveis. Ela é feita dessa forma: O rezador pega a criança e deita no colo ou sobre uma mesa, depois pega os pés e mede, se o dedão tiver maior que o outro, ele pega a mão direita e coloca em cima do lado esquerdo do bumbum da criança se o calcanhar passar das medidas dos dedos da mão a criança está com o vento caído, sempre cruzando as mãos e os pés, mão direita do lado esquerdo e a mão esquerda do lado direito (SANTANA, 2018, p. 51).

Espanto:

(OLHADO RUIM) A reza, é usada em qualquer pessoa da aldeia, nos adultos é quando eles sentem o corpo mal com dores bocejando há todo momento, sem ânimo para trabalhar

ou para sair de casa, também e rezado com os três “ramos” do Tiririquim. (SANTANA, 2018, p. 52).

FIGURA 2: MARIA CORUJA COLHENDO GALHOS DE TIRIRIQUIM PARA REZAR MINHA IRMÃ TARIMARTXAHÁ.



Fonte: Foto tirada por meu pai, Arnilton.

No nosso povo temos seres que protegem nossas florestas, nossos rios, animais e mares, cujo respeitamos bastante e damos o nome a esses seres de “ENCANTADOS”, particularmente a minha avó tem uma grande conexão com esses seres, e ao pergunta-la sobre como ela aprendeu as rezas e remédios que faz, ela me respondeu que esse conhecimento foi passado deles (os encantados) para ela. Relato de Maria Coruja:

A reza de ispanto é mucado difíci, carece í assim juntando as palava,.. quem deixou na minha cabeça foi a “veia”, ela deixou na minha cabeça pra eu rezá e eu rezo. Ninguem

me insinô remedio, á foi eles que dexô a minha cabeça, é aonde eu façu e façu cum fé e chamo pur eles e façu remedio (Maria Coruja,28/01/2022).

Então após me falar isso, ela começou a citar remédios e nomes de ervas medicinais e para quê que serviam:

Oia, a Purga du campo... a garrafada... a “veia”, dexô que a garrafada é boa mais u purgante é milhô, pas cocera, pá negoço do coro.

U gerbão é pá pancanda, pisa ele bota pá serená, nu oto dia bota lete, morna um poquim e pode bebê.

U argodão é pá cansaçu.

U capim dotô, ele pisado é bom pá essas duença de fora, pega ele, bate, bate,bate e dá pá bebê cum lete...(Maria Coruja,28/01/2022).

FIGURA 3: MARIA CORUJA, REZANDO CONTRA ESPANTO (OLHADO RUIM/OLHO GORDO).



Fonte: Foto tirada por meu pai, Arnilton.

10. TRABALHANDO COM MEMÓRIAS – PARTE 5: MOVIMENTOS INDÍGENAS

Então começamos a falar sobre os movimentos que ela já participou:

AH! ... aí é molim pra mim! Quantas vz eu já fui... fui im representação no Rií de Janero, mais Ildina, Eduardo e Soraia, fui im representação im Belo Horizonte e Ontonho Arauê, Ildina, Romildo a truma toda que ia im representação lá... e lá ne São Paulo eu só fui mais cumadi Zuíde, e agora im Brasília já fui umas poca de vez já e eu gosto de viajá, e foi bom, que eu num dancei pur causa desse jueio, meu jueio duente cumé que dançava?... masi foi bom. Botaru pra eu falar eu falei, todo mundo gostaru que eu falei, cantei, lovei a Nossa Senhora, todus elis gostaru que tavam dentu da roda (Maria Coruja, 28/01/2022).

FIGURA 4: ACAMPAMENTO TERRA LIVRE (2022)



Fonte: foto tirada e cedida por Tukumã Pataxó.

No ano de 2012, houve uma proposta de uma lei chamada PEC 215. Esse projeto de emenda constitucional teria como objeto “derrubar” homologação, demarcação de territórios indígenas e quilombolas. Quando saiu esse projeto de lei, em vários lugares houve protestos, no qual os Pataxó do extremo sul da Bahia, fecharam a BR-101 que dá principal acesso à região. Nesse movimento a minha avó Maria Coruja estava presente, com o fechamento da BR, teve um grande congestionamento, e só deixavam passar ambulância.

Novamente depois de um tempo convocaram novamente para uma ida à Brasília-DF, e novamente Maria Coruja estava presente.

Mas ela não participa apenas desse tipo de movimento, dentro da aldeia também quando tem a festa de 19 de abril, ela sempre está presente, juntamente com os kakuçu puxando a fila do awê e aproveitando para passar ensinamentos das danças que faziam antigamente, como o da “cumadi cuita”, as pessoas da aldeia tem um grande respeito por ela e por sua família.

Atualmente, nos meses de julho, agosto e setembro, houve lançamento de um novo projeto de lei, a PL-490 e o marco temporal, objetivos liberar garimpo nas terras indígenas, e tirar terras que foram demarcadas a partir de 1988. Novamente houve protesto e fechamento da BR, e minha avó estava presente, juntamente com meus tios, tias, pai e primas e demais parentes do nosso povo.

**FIGURA 5: PREPARANDO PARA O MOVIMENTO DE FECHAR A BR-101,
PROTESTO CONTRA O MARCO TEMPORAL EM JULHO DE 2021.**



Fonte: Foto cedida por parentes que estavam no movimento.

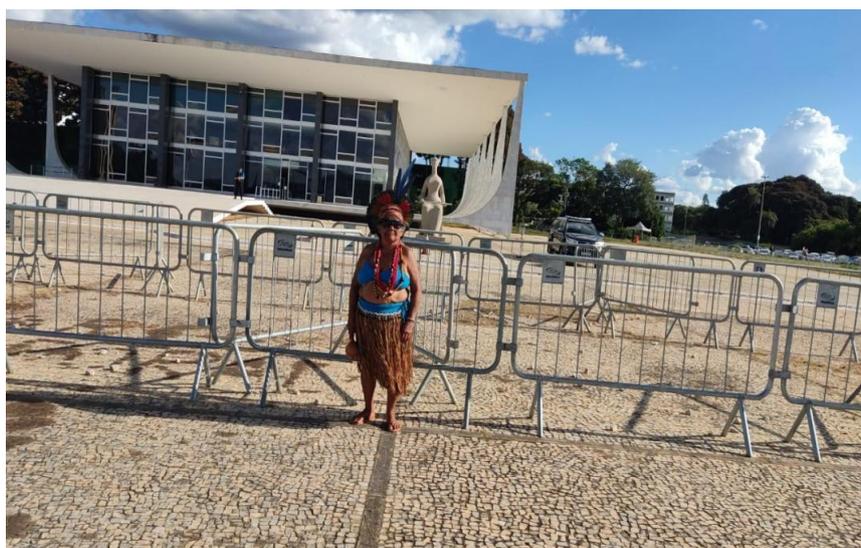
FIGURA 6: MOVIMENTO DO FECHAMENTO DA BR-101, EM AGOSTO DE 2021.



Fonte: Foto cedida pela minha prima Alice Souza, que estava presente no dia.

Ela também esteve em viagens para Brasília, como no último ATL(Acampamento Terra Livre).

FIGURA 7: MARIA CORUJA EM FRENTE AO PLANALTO EM BRASÍLIA-DF, ATL 2022



Fonte: Foto cedida por parentes que estavam no movimento.

Além de ser uma grande anciã do povo pataxó, Maria Coruja com o seu marido, já compôs algumas músicas. Inclusive uma é bastante conhecida e ela sempre canta em movimentos quando recebe a oportunidade de representar o seu povo. A música é a seguinte:

*Os primeiros brasileiros somos os índios
Os primeiros Brasileiros somos os índios,
E os primeiros Brasileiro como os índios,
Viviam sem problema nenhum
E hoje não tem direito em nada
Como é que os índios vivi nessa jogada?
Cabral chegou deixou nossas terras complicadas,
Ele não nos ajudou em nada
O que ele veio fazer...
Foi nossas terras tomar .*

FIGURA 8: MARIA CORUJA, REPRESENTANDO O POVO PATAXÓ, NO ATL 2022



Fonte: Fotos cedidas por Tukumã Pataxó.

Outra música que Dona Maria também gosta de cantar é a seguinte:

*Quando Cabral chegou
Quando Cabral chegou
os Pataxós ele encontrou
Brincando e vivendo
Nas graças de tupã
Só esperando a chegada
De tupã e masi nada .*

FIGURA 9: ATL 2022



Fonte: Foto cedida por Tukumã Pataxó.

11. ALGUMA CONSIDERAÇÕES

Trabalhar com memória e narrativa não é tão simples, exige muita dedicação, tempo e paciência, mas o resultado nos vem mostrar que todo esforço vale a pena quando se trata de deixar registrado algo que é grande importância para nós.

Trazer conosco memórias vivas que sempre ficarão guardadas, ensinamentos valiosos de bibliotecas vivas, cada memória é uma história, e cada registro é a certeza de que essas histórias não se perderão durante os anos que virão, não somente as histórias de vida, mas também nossos conhecimentos tradicionais.

A luta ela é constante, não acaba, assim como os nossos velhos falam que o fogo de 51 não acabou, hoje ainda achamos faíscas dele, resistir é necessário, a forma que não só Maria Coruja como os nossos outros anciões foram em busca de um objetivo e conseguiram é uma inspiração para toda vida.

E eu gostaria de concluir com a seguinte frase:

Só se levanta para ensinar, aquele que sentou para ouvir e aprender.

!Awêry nyamisu

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. p. 10.

FREITAS, Daniella Gomes de. **Luta e resistência das mulheres no território pataxó Hãhãhãe**. 2020. 126 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Orientador: Maria Gorete Neto.

GAERTNER, R; BARALDI, I. M. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. *Bolema*, Rio Claro (SP), Ano 21, nº 30, 2008, pp. 47 a 61.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação, *Zetetiké*, Campinas (SP), FE/CEMPEM, v. 11, n. 19, p. 9-55, jan/jul 2003.

HUMEREZ, D. C. História de vida: instrumento para captação de dados na pesquisa qualitativa. *Acta Paul. Enf.*, São Paulo, v.11, n.2, p.32-37, 1998.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. Universidade La Sapienza, Roma. Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ. *Mnemosine* Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010.

SANTOS, Leandro Braz. **História do ponto de vista Pataxó: território e violações de direitos indígenas no extremo sul da Bahia**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2017, 74 f. Faculdade de Educação – FAE. Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FIEI. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTANA, Joseane Ponçada. **Práticas e dosagens tradicionais da medicina Pataxó da aldeia Boca da Mata**. 2018. [56 p.]. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)– Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SOUZA, L. F.; MACHADO, H. B. Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: A “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres. **Revista da ANPEGE**. v. 17. nº. 32, p. 282 - 308, ANO 2021.

13. ANEXO

Registros da pesquisadora

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Alguma informação sobre o dia da entrevista, que seja importante (pessoas no local, além da entrevistada; ambiente calmo ou não, interrupções, outros):

Horário de início:

Horário de término:

Pausa (se houver):

Usar um gravador (pode ser do celular).

Usar um bloco de notas (anote as coisas mais importantes, registre gestos, algum possível momento de emoção, alguma pausa, entre outras informações que julgar pertinente anotar.

Anote se realizou a entrevista em um ou mais dias. Sempre tomando nota dos detalhes que coloquei aqui.

Roteiro da entrevista

TRABALHANDO COM MEMÓRIAS PARTE I

REVIVENDO COISAS DA INFÂNCIA

*Qual o nome da senhora (português e indígena)?

*Em que ano a senhora nasceu? Em qual local?

*Qual o nome dos seus pais? A senhora tem quantos irmãos?

*Me conte um pouco sobre as lembranças que a senhora tem da sua infância (Ajudava os pais em algum trabalho? Quais eram as brincadeiras do tempo da senhora? Como que brincava?)

*Tem alguma lembrança de como era Barra Velha no tempo da senhora de criança? (Como eram as festas? Como eram os awês?)

*Me conte um pouco sobre sua vivência no massacre de 1951 (o fogo de 51). A senhora tinha mais ou menos quantos anos quando isso aconteceu?

*O que aconteceu depois que acabou o massacre? Como ficou Barra Velha?

TRABALHANDO COM MEMÓRIAS PARTE II: DA ADOLESCÊNCIA À FASE ADULTA

- *Quando a senhora conheceu seu marido (meu avô)? Como foi o casamento?
- *Quais lugares a senhora morou antes de vir para aqui, para Pará?
- *Teve quantos filhos? Algum faleceu?
- *Qual era a forma de vida? Qual a forma de sobrevivência? O que a senhora fazia para ajudar o teu marido?
- *Quando a senhora se mudou pra aqui tinha mais alguém ou a senhora foi a primeira?
- *Como era o nome do Pará antigamente? Sabe dizer quem pôs o nome “Pará” e o por quê?
- *Depois de quanto tempo que a senhora já estava morando aqui com sua família, que chegaram novos moradores? Quais e quantas famílias foram? Quem eram?

TRABALHANDO COM MEMÓRIAS PARTE III: COMEÇANDO A CONSTRUIR UM PARÁ PENSANDO NO FUTURO

- *Como era esse lugar antigamente? O que tinha e acabou, o que tinha e permanece e quais as principais novidades/mudanças?
- *Desde quando existe essa estrada que dá acesso à Barra Velha e Corumbau?
- *De quem foi a ideia de fazer essa estrada? Como foi o processo para fazê-la? Quem fez? Quem ajudou a fazer? Conte-me um pouco sobre isso.
- *O que as pessoas falavam quando estava no processo de construção?
- *A primeira escola foi feita depois da construção da estrada?
- *Conte um pouco sobre o processo de conseguir uma escola para aqui (Como foi? Qual a participação da senhora?).
- *Como era essa escola? Quem foi o primeiro professor? Tinham quantos alunos?
- *Como funcionava na época? (essa pergunta não é direcionada a dona Maria Coruja).
- *Como foi de evolução da escola? Quais as principais mudanças, até chegar ao formato dos dias atuais?

DE CACIMBA E CORREGOS À ÁGUA ENCANADA A CONSTRUÇÃO DO POÇO ARTESIANO

- *Como era para fazer as atividades domésticas, antes da instalação da água encanada na aldeia? Quais as principais dificuldades?
- *A partir de quando se tornou necessário ter água encanada em casa?
- *A instalação do poço artesiano, na aldeia, fez parte de algum projeto? Conte um pouco sobre como foi para consegui-lo.
- *Como era e como ficou depois de sua construção?
- *Quem era responsável por cuidar desse poço? Como foi o processo de escolha dessa pessoa responsável?
- *Tinha algum órgão responsável? Se sim, qual era?
- *Como está esse poço atualmente?

VIVÊNCIAS DE MARIA CORUJA COMO PARTEIRA:

- *Quando começou e por que não exerce mais essa função?

SABERES DA MEDICINA TRADICIONAL DA ALDEIA:

*Alguém ensinou as rezas, orações, remédios que a senhora conhece? Se sim, quem foi essa pessoa?

*Com que idade a senhora estava quando começou a aprender os saberes da medicina da aldeia?

*Quais as principais contribuições, que a senhora deu à medicina da aldeia? Descobriu algum remédio/medicação?

MOVIMENTOS INDÍGENAS:

*De quais movimentos indígenas a senhora já participou?

*Conte um pouco sobre eles: Como foi feito o convite para senhora participar? O que aconteceu neles? Qual a sua participação? Quais os reflexos para a sua vida, posteriormente a eles?

APRESENTAÇÃO DAS BRINCADEIRAS DE ANTIGAMENTE

*Me conte um pouco sobre as brincadeiras de antigamente (Quais eram? Como brincavam?).